



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Instituto de Letras**

**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**

**Licenciatura em Letras/Português**

**Anne Katharine Nascimento Werlang**

**A VAIDADE POR TRÁS DAS SUTILEZAS: BRÁS CUBAS E O  
ECLESIASTES**

**PROF. DR. AUGUSTO RODRIGUES DA SILVA JUNIOR**

**BRASÍLIA, 2013**

Anne Katharine Nascimento Werlang

## A VAIDADE POR TRÁS DAS SUTILEZAS: BRÁS CUBAS E O ECLESIASTES

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior.

---

Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior  
Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

Mais do que qualquer feito em minha vida, agradeço a Deus, meu Pai, por este trabalho, cujo tema me foi dado por Ele com laço de fita e a chance de refletir sobre nossa vida em conjunto sem amarras de dogmas, religiosidade e regras. Os maiores momentos de inspiração sempre vieram enquanto me conectava a Ele pelo que é, não pelo que me ofereceria.

À minha família, por quem sou apaixonada e devota, meus mais emocionados e sinceros agradecimentos: minha mãe, rainha e a quem amo mais que a mim mesma, por acreditar em mim como nenhum outro, por superar situações incômodas para colaborar tanto com meu bem. E imaginar meu nome numa placa importante. Ela virá! Ao meu pai, que me mostra a cada dia com mais gestos e menos palavras que o melhor amigo sempre tive dentro de casa – sem esquecer do nosso Sheft. Obrigada por investir em mim e me ensinar a sorrir mesmo quando tudo desanda. Minha irmã, maior e irreplaceable companheira Adrielly, que ao passar no vestibular fez muito mais por mim do que imaginei: alimentou minhas manhãs da alegria mais genuína possível, obrigada pela união indissolúvel e ser a "que fecha, que cola comigo, que faz o meu dia melhor".

Agradeço à Áurea que, com seu pouco tempo de vida, me apresentou o sentimento mais puro que já experimentei. Sua gargalhada e seu abraço me foram fundamentais para segurar as lágrimas quando não sabia mais o que escrever. Espero que quando souber ler, reconheça que este foi o motivo de minhas ausências nos fins de semana que eu gostaria de ter passado todos ao seu lado.

Pâmela. Meu eu melhorado. Obrigada por me estimular a caminhar junto ao Pai mesmo nas menores coisas. Inspiro-me em muito do que você é. Meu padrinho, base que me estimula na vida acadêmica como ninguém! Obrigada por Dom Quixote, a Bíblia infantil, O Diário da Princesa, boas ações e solidariedade sem esperar nada em troca. Mainha, Vó Maria, Tios, Tias (e madrinha), em especial, Aline: a alegria que a presença de vocês traz me

remete ao amor de Cristo, cuidadoso em cada pessoa que atravessa meu caminho. Orgulho-me de ser produto do meio que vivo quando me refiro ao meio social composto por vocês. Primos, primeiros amigos, melhores lembranças: Rodrigo, Gledston, Jéssica, Flávio, Rayane, Arthur, Raquel, Bruna, Brenda etc.: vocês me são vitais. Obrigada!

Aos melhores amigos do mundo. Débora Landim por estar ao meu lado apesar de tudo levá-la ao contrário: obrigada por me acompanhar nas madrugadas e me proporcionar dias azuis e força para concluir. Laura, pela antiga e todos os dias renovada amizade. Obrigada aos amigos cujas conversas sempre me trazem sabedoria a mais: Daiane, Sarah, Lorrany, Petherson e Haelson. Em especial, Júlio Coêlho, jamais imaginei encontrar em sua "loucura", que é nada mais do que tamanha sabedoria, alguém tão fundamental à minha monografia e meu crescimento pessoal. Obrigada pela dedicação gratuita.

Por quatro anos e meio tive a companhia quase que diária das melhores pessoas que a universidade poderia me proporcionar. Aline Sales, suspeito que seja a inspiração para a Matilde de Chico Buarque, "menina de espírito leve" que torna os dias mais brancos. Ana Luiza, por me acrescentar tanto. Daniel Lukan, pelas tardes mais divertidas que tive em toda a graduação. Débora Rodrigues, guaxinins têm muito que aprender com você sobre abraços e a felicidade transmitida através deles. Juliana Garcês, obrigada pela solidez dessa amizade e a certeza de que posso contar com você pra qualquer situação. Skinimarin! Marina Barros, o prêmio que você merece, mesmo, é o de amiga mais solícita dos últimos dias de tcc. Você é força e doçura na mesma proporção.

À Ana Clara, pela disponibilidade e gentileza em gastar seu tempo com palavras de incentivo e instruções quanto à apresentação. E, por fim, ao meu orientador, professor doutor Augusto Rodrigues, cuja cobrança e crença em meu desempenho me foram primordiais. Por me manter no caminho acadêmico que mais me coube e agradou. Ninguém mais seria capaz de me fazer escrever tanto em tão pouco tempo por esses caminhos. Sou muito grata!

Dedico este trabalho à minha família, sei que minhas conquistas não são só minhas, são nossas. Dedico aos fios invisíveis que nos interligam e nos tornam um só. Às raízes africanas, italianas, mineiras, capixabas e nordestinas que me tornam capaz de ser tão singular de maneira plural. Este trabalho é nosso.

*Tryna fix something  
But you can't fix what you can't see  
It's the soul that needs the surgery  
Plastic smiles and denial  
Can only take you so far  
And you break  
When the paper signs you in the dark*

Beyoncé – Pretty Hurts

*Só uma coisa nos tira o sossego  
É que apesar de sermos eternos  
O medo é que neste fim sem fim  
Seremos sugados pelo buraco negro*

Paulinho Moska - Castelos de Areia

## RESUMO

O seguinte trabalho objetiva identificar pontos de contato entre o livro bíblico Eclesiastes, famoso por seu teor filosófico além do dogmático e a obra de Machado de Assis *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Tal análise apoia-se na atemporalidade presente na discussão do comportamento social descrito, regido pelas vontades individuais sobrepondo-se ao coletivo. Seguindo três direções principais, o estudo é feito levando em consideração a importância do foco narrativo - e quanto à estrutura narrativa de Eclesiastes, baseado em Haroldo de Campos, a identificação das intenções reais nas escolhas das personagens auxiliado pelo ponto de vista do moralista europeu Matias Aires e o efeito das obras na sociedade e o que foi motivado por ela. Brás Cubas e o Eclesiastes levam o leitor, através de suas experiências, a repensar o que tem motivado suas escolhas, se uma reação ao que a sociedade impõe como valor, ou à viver como José de Alencar sugere em *Diva*: "Viver é gastar, desperdiçar a sua existência, como uma riqueza que Deus dá para ser prodigalizada".

Palavras-chave: Brás Cubas, Eclesiastes, Machado de Assis, vaidade, egoísmo, Qohélet.

## ABSTRACT

The following study aims to identify contact points between the biblical book Ecclesiastes for its famous philosophical content beyond dogmatic and the work of Machado de Assis, "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*." Such analysis relies on this timelessness in the discussion of social behavior described, governed by individual wills overlapping the collective. Following three main directions, the study is done taking into account the importance of narrative focus - and how the narrative structure of Ecclesiastes, based on Haroldo de Campos, the identification of the real intentions in the choices of the characters aided by the viewpoint of the moralist European Matias Aires and the effect of the works in society and that it was motivated by it. Brás Cubas and Ecclesiastes lead the reader through his experiences, to rethink what has motivated their choices, a reaction to what society imposes as a value, or to live as José de Alencar suggests in Diva: "To live is to spend, waste its existence as a wealth that God gives to be lavished."(tradução livre)

Keywords: Brás Cubas, Ecclesiastes, Machado de Assis, vanity, selfishness, Qoheleth.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - Perscrutando os caminhos do cenário hipócrita....	13
1.1 Ruídos e murmurinhos de um morto e de um sábio.....	13
1.2 Sobre a Escritura.....	15
1.3 O foco narrativo é pai da obra.....	18
1.4 Um sábio reflete sobre a morte, outro nasce dela.....	20
1.5 Intenções e objetivos por meio das memórias.....	25
CAPÍTULO 2 – Vaidosos e opiniáticos.....	30
2.1 A <i>hebel</i> se revela.....	30
2.2 <i>Kavanah</i> .....	43
CAPÍTULO 3 – Sobre o ser.....	50
3.1 O realismo se confunde com o ceticismo..	50
3.2 A salvação é ser essência.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61



## INTRODUÇÃO

Tenciona-se neste trabalho analisar a hipocrisia revelada pela obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, relacionada a trechos do livro bíblico Eclesiastes.

O foco principal será a percepção de sutilezas das intenções do comportamento humano descrito em *Memórias Póstumas* amparada pela visão do Qohélet, O-que-sabe – definição subtraída de Haroldo de Campos, baseando-se na tese de que "tudo é vaidade" (1:2) e nas consequências do muito saber sobre a vida.

A verdade das narrativas e das premissas apontadas por ambos se dá pelo estudo das intenções descritas de maneira realista confundida com o pessimismo cético que se costuma atribuir às obras. Uma percepção adquirida por meio da autonomia moral que só alguém que já passou pela vida ou de tudo na vida pôde ter.

Ao investigar a mensagem trazida em Eclesiastes coadunada à descrição de relações sociais e públicas que são encontradas no romance de Machado de Assis obtêm-se a fonte original de onde provêm os Livros sapienciais bíblicos – voltados à filosofia presente na vida humana em sociedade. Tal análise se dá de forma que transpassa a estratégia narrativa das obras, a forma de abordagem – uma sutil e outra direta, de ambas, os resquícios da vaidade e egoísmo de cada uma levando o leitor a se encontrar intimamente nas obras.

Com essa abordagem, comprovar que a Bíblia é um conjunto de livros que independe de religiosidade. Para os cristãos é resultado de inspiração divina e um documento repleto da sabedoria, para quem não crê, referência literária com influência em inúmeras obras; relata o comportamento do indivíduo, discute relações pessoais públicas e questões que o ser humano lida desde o princípio da humanidade.

Como a morte é um elemento crucial para o desenrolar da obra de Machado de Assis, o trabalho a seguir busca identificar como a morte

autobiográfica do personagem reflete na exposição dos costumes individuais e individualistas do corpo social e de como é mostrado de forma íntima em Eclesiastes. Um dos objetos de avaliação da morte na obra dogmática é de que analisando-a de forma que nos leve a identificar o verdadeiro sentido da vida podemos crescer individualmente e, assim, como corpo social.

Seguindo tal conclusão bíblica-filosófica, o trabalho a seguir explana as variadas significações do que impulsiona o homem em suas atitudes, no que isso reverbera aos indivíduos que o cerca, o bem-estar do homem consigo mesmo e com o Deus que acredita, e na análise de si para que possa crescer individualmente e em grupo.

## 1. Perscrutando os caminhos do cenário hipócrita

*"Os erros facilmente se desculpam em favor de um morto"*

*Matias Aires*

### 1.1 Ruídos e murmurinhos de um morto e de um sábio

Machado de Assis é mundialmente conhecido como um dos maiores autores da literatura brasileira. Suas obras são marcadas por uma escrita única e são caracterizadas por seu realismo e sua ironia perspicaz. *Eclesiastes*, apesar de possuir o mesmo tom, é um livro bíblico – e, portanto, dogmático. São dois estilos aparentemente opostos, conteúdos que facilmente se contraporiam e entrariam em discordância.

Identificar o dialogismo possível entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Eclesiastes* se dá graças às semelhanças diversas, tais como foco narrativo, realismo, tédio, vaidade, sabedoria, narrativas guiadas pela memória, entre outros pontos que serão abordados. Essas áreas de contato não deixam de ser conflituosas, e, ao mesmo tempo em que tiram o leitor de sua zona de conforto, estimulam uma reflexão aguçada quanto às semelhanças e disparidades entre ambas as obras.

O estudo delineado neste trabalho terá como base a literatura comparada, um âmbito que abrange leituras similares de diferentes obras e, com isso, extrai de cada uma delas aquilo que as entrelinhas não nos permite enxergar a princípio. Júlia Kristeva, importante crítica literária que abordou intertextualidade e semiótica no livro *Semeiotikè*, elucida que "todo texto é absorção e transformação de outro texto" <sup>1</sup> A partir dessa afirmação, identificamos a grandeza de um texto carregado de outros, considerada a dificuldade de ser interligado a outro em conteúdo e, simultaneamente, se impor como obra independente. Isso enaltece a qualidade do autor, pois este foi capaz de sintetizar, explorar uma influência e "centralizá-las", conforme

---

<sup>1</sup> *Ensaio de Semiologia*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Eldorado, 1971, p. 146.

sugere a definição utilizada por Laurent Jenny no ensaio "A estratégia da forma" <sup>2</sup>.

O dialogismo entre Brás Cubas e Eclesiastes será permeado pela análise profunda de elementos que se relacionam nas obras. Essa observação se dá a fim de perceber a força de se utilizar da forma e da essência de uma literatura dogmática e religiosa para "representar" o contexto da sociedade vigente. O ponto de contato entre os textos não é um processo tranquilo nem pacífico, pois, sendo o texto um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais, eles são um local de conflito.

Na obra de Antonio Candido, *O discurso e a cidade* <sup>3</sup>, nos são apresentadas duas espécies de autores: o primeiro, aquele que sai da realidade para retratá-la de melhor forma; o segundo utiliza-se da fantasia para representar seu âmbito social. Cândido assevera que, ao tentar definir a sociedade por meio de traços e dados históricos, o primeiro tipo de autor conduz a leitura por meio de elementos externos que ele mesmo caracterizou como essenciais, acabando por forjar a realidade apresentada ao público. Já o segundo tipo leva ao leitor a substância dos fatos e comportamentos, mediante a fantasia e o imaginário, pois o irreal oferece liberdade de compreensão ao leitor, sendo, o autor, quem possui mais aptidão de representar a realidade.

É nesse ponto que Machado de Assis se sobressai. O estilo fantasioso do discurso de um narrador defunto que "experencia a ausência de si mesmo no mundo" (SILVA JUNIOR, 2006, p. 14) dá o tom de verdade à narrativa por ser um tratado de memórias tão fiéis e decompostas, sem receios de se expor, que trazem à superfície das folhas os entremeios existentes nas relações comportamentais do ser social.

Quanto à falta de decoro na representação do ser social, Eclesiastes cumpre tal ordem com severa responsabilidade. Alguns trechos do livro bíblico são de origem duvidosa e, coincidentemente, são fragmentos que de alguma maneira suavizam a acidez da falta de expectativa no ser humano por ser dirigido pura e simplesmente pela vaidade de cada um <sup>4</sup>. Nesse quesito há a

---

<sup>2</sup> *A estratégia da forma*. In: *Intertextualidades*. Tradução da revista *Poétique*, número 27. Lisboa: Almedina, 1979

<sup>3</sup> *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1996.

<sup>4</sup> Eclesiastes 1: 1. Bíblia de Jerusalém. Editora Paulus.

principal semelhança entre as duas obras: o ponto de vista pessimista do narrador como elemento-chave de compreensão dos textos.

O autor de *Eclesiastes* é um filósofo que reflete sobre seus próprios conflitos – inclusive se contradiz no decorrer de seu texto, pois foi destinado a seguir o estilo de vida designado a um cristão sábio (devido seu pedido ao Senhor, em 1 Reis 5: 9-10) e desvirtuou-se para viver de acordo com o caminho traçado por suas concupiscências. Foi quando concluiu que a materialidade e o *status* são os principais norteadores das escolhas do homem.

Assim como Brás Cubas, não há o compromisso em apresentar um dogma ao leitor, são apenas suas impressões no decorrer do livro que identificam a conformidade com o conceito trazido por Salomão<sup>5</sup>. O capítulo 100 reflete o despropósito de Brás em definir paradigmas e enfatiza a necessidade de precaver o leitor de cair no achismo de que as proposições e interpretações expostas ao longo da obra são irrefutáveis: "Se esse mundo não fosse uma região de espíritos desatentos, era escusado lembrar ao leitor que eu só afirmo certas leis, quando as possuo deveras; em relação a outras, restrinjo-me à admissão de probabilidade" (ASSIS, 1995, p. 161).

## 1.2 Sobre a Escritura

Faz-se essencial o ressaltar da relevância da Bíblia como um dos maiores livros de toda a humanidade. Para aqueles que creem na sagração desta escritura, a Bíblia é o norte que guia o caminho da permanência do anseio de Deus, a maneira de portar-se e comportar-se, o que se deve crer. Possui narrativas capazes de inspirá-los por preservarem os dez mandamentos, foi toda escrita consoante a inspiração divina.

Sua origem, no entanto, é o cerne de polêmicas discussões. Durante vários séculos, sofreu inúmeras alterações em seu conteúdo, como a inserção e perda de livros e substituição de palavras. Tais modificações advêm de traduções sobre traduções e há ainda a contrariedade de ideias, fruto das controvérsias geradas graças aos livros apócrifos.

---

<sup>5</sup> No decorrer desse trabalho trataremos Salomão como autor do livro bíblico, levando em conta que os trechos utilizados para análise nesse estudo são, segundo a Bíblia de Jerusalém, indiscutivelmente produzidos por ele. A proveniência dos fragmentos será identificada nas notas de rodapé.

Como adjetivo, a palavra “apócrifo” denota a algo falso, suspeito. Pode-se inferir, então, que no sentido religioso, refere-se a livros considerados pseudocanônicos. Foram retirados da Bíblia por serem escritos por um ou mais grupos cristãos entre o último livro das escrituras judaicas, Malaquias, e o período da vinda de Jesus Cristo. O julgamento de um livro como apócrifo varia de acordo com a religião que a qualifica. Por conta disso, torna-se um conceito frágil e parcial.

Outro quesito que motiva descrenças quanto à sua veracidade são as traduções bíblicas; para tanto, evitaremos dubiedades e interpretações tendenciosas ao utilizarmos neste estudo a Bíblia de Jerusalém, cuja tradução foi feita a partir dos textos originais hebraicos, aramaicos e gregos e constituir, desta forma, uma tradução mais fiel e menos modificada.

A Bíblia exerce, ainda hoje, grande influência nas artes e nos costumes de toda sociedade. Ana Maria Machado elenca elementos que identificam explicitamente a diversidade de indícios bíblicos que contribuíram para o desenvolvimento da sociedade:

Ao transportar um bebê num moisés, saberá por que o cestinho tem esse nome. Quando encontrar expressões como “separar o joio do trigo”, “lavar as mãos”, “mudar da água para o vinho” ou “dar a outra face”, ou quando por acaso ler num jornal uma referência ao farisaísmo ou a sepulcros caiados, saberá exatamente a que o texto está fazendo alusão. Reconhecerá as referências ao bom pastor ou ao bom ladrão, ao bezerro de ouro, ao grão de mostarda ou à folha de parreira. Conhecerá o que é uma mulher forte, entenderá por que deixar vir às criancinhas. (MACHADO, 2002, p. 39)

Devido sua tradição e antiguidade, a Bíblia é o livro mais lido e, provavelmente, o mais importante da cultura ocidental. Do ponto de vista cético, a Bíblia é uma obra fundamental para compreender comportamentos, costumes e leis vigentes à época, e é indiscutível sua referência e influência na escrita de autores importantes para a literatura ocidental. Ana Maria Machado assevera que “independentemente de qualquer crença religiosa, o simples fato de vivermos numa nação que faz parte do Ocidente judaico-cristão já nos torna herdeiros da linhagem bíblica.” (2002, p. 33).

Diante de tantos livros bíblicos, a seleção de Eclesiastes no diálogo com a obra de Machado não se deu em vão, mas impulsionada por seu caráter



filosófico e antropocêntrico. Brás Cubas é um dos maiores personagens da literatura brasileira por sua índole excêntrica e divergente dos heróis românticos que a literatura brasileira conhecia até então. Sua visão de mundo é similar ao tom cético que o Pregador utiliza na construção de seu pensamento quanto à função do homem na terra, a seu comportamento, em que criar expectativas (ou o não criá-las) e em suas relações sociais.

Eclesiastes possui esse nome porque provém do hebraico *Qohélet*, cuja tradução é “aquele que fala perante uma assembleia”. Scott, em seu artigo *Proverbs, Ecclesiastes*, apresenta a palavra *Qohélet* como segmento que possui forma de um particípio feminino do verbo *q-h-l* e deriva o substantivo *qahal* – reunião, assembleia, congregação<sup>6</sup>. Em grego, assembleia corresponde a *ekklesia*, que deu origem ao *ekklesiastés*. *Qohélet* pode significar também “o pregador”, “mestre”, “o Colecionador de Provérbios” e, segundo a preferência de Haroldo de Campos, “O-que-sabe”<sup>7</sup>. É considerado um livro sapiencial do Antigo Testamento, assim como Jó, Salmos, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico. Tais livros contêm caráter poético e abordam a Sabedoria, cujo conceito em Israel (de onde provém os livros sapienciais) não se restringe a acumular conhecimentos, mas agir com discernimento e sensatez frente às situações corriqueiras.

O livro do *Qohélet* ganha força porque tradicionalmente à época Salomão representava os sábios – é o que se encontra em 1 Reis 3: 4-15 e no capítulo V, versículos 9 a 10 e 14:

<sup>9</sup> Deus deu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias e um coração tão vasto como a areia que está na praia do mar. <sup>10</sup> A sabedoria de Salomão foi maior que a de todos os filhos do Oriente e maior que toda a sabedoria do Egito.

<sup>14</sup> Vinha gente de todos os povos para ouvir a sabedoria de Salomão e da parte de todos os reis da terra que ouviram falar de sua sabedoria. (1 Reis 5: 9-10 e 14)

Salomão atesta com propriedade a razão de acreditar que a vida que se leva, as escolhas que se faz, os objetivos que se traça, são todos conduzidos

---

<sup>6</sup> SCOTT, R. B. Y. [Ed.]. *Proverbs, Ecclesiastes*. Vol. 18. [The Anchor Bible]. New York, Doubleday, 1965.

<sup>7</sup> CAMPOS, Haroldo de Campos. *Qohélet = O-que-sabe: Ecclesiastes: poema sapiencial* / Haroldo de Campos, com uma colaboração especial de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

pela vaidade do sujeito em se sentir superior a outro e se sentir satisfeito por si mesmo.

Em *Memórias Póstumas* essa proposição é eficazmente explicitada. Não é possível afirmar com certeza que o romance de Machado de Assis foi inspirado por *Eclesiastes*, mas há diversos estudos que admitem as influências bíblicas em suas obras. Mesmo sem ser religioso, o autor traz a sua escrita traços ou dados bíblicos, na maioria dos casos em tom sarcástico, que enriquecem sua narrativa, característica proveniente de seu gosto por trabalhar com uma grandiosa bibliografia e utilizando intertextos na parte majoritária de seus trabalhos. O realismo ácido, o cerne voltado à vaidade, o desdém quanto ao homem e a sabedoria que causa enfado e tédio são componentes recorrentes em ambas as obras.

### 1.3 O foco narrativo é pai da obra

O tom de advertência que Salomão utilizou na produção de *Eclesiastes* não descreve situações e sensações das experiências que viveu, mas sim o resultado que colheu e o que inferiu delas. Brás Cubas narra e descreve sua vida, permitindo que o leitor reconheça em atitudes sua verdadeira intenção. Não só do próprio personagem, mas de outros apresentados por ele.

Ao relatar uma conversa com seu pai quando se trancou no sítio da família após o falecimento de sua mãe, pode-se destacar o quanto os conselhos do pai reforçam a ideia de que a vida social não passa de um jogo de aparências e interesses:

Não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para te não ver brilhar, como deves, e te convém, e a todos nós; é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais. [...]. Teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estragues as vantagens da tua posição, os teus meios... (ASSIS, 1995, p. 69)

Analisando o trecho destacado, temos a síntese fiel do pensamento que dominava e domina o corpo social em tempos atuais. O posicionamento de Brás Cubas como narrador é fundamental, dado que se a narrativa fosse

descrita pelo seu pai, o tom da advertência seria outro, ou seriam ocultados alguns trechos.

A princípio, as *Memórias Póstumas* foram apresentadas em formato de folhetim para, posteriormente, tornarem-se um romance. Pelo formato divergente dos padrões a que o público estava acostumado, houve estranhamento por parte dos leitores – o que não afetou, porém, sua boa aceitação. Raul Pompéia elaborou uma crônica assim que saíram os primeiros capítulos, comentando: "[O romance] é ligeiro, alegre, espirituoso, é mesmo mais alguma coisa; leiam com atenção, com calma; há crítica fina e frases tão bem subscritas que, mesmo pelo nosso correio, hão de chegar ao seu destinatário" <sup>8</sup>.

O elemento que mais atrai a atenção do leitor na obra é a natureza do narrador: um defunto. Brás Cubas apresenta sua narrativa como um paradoxo. Expõe no prólogo do romance elementos de fundamental importância para compreensão do que se desenvolveu da literatura brasileira posteriormente. Ao mesmo tempo em que confessa aos seus cem leitores – ou cinquenta, ou vinte, quando muito dez – que escreveu seu romance com um ar de melancolia e zombaria, assusta um leitor despreparado ao dedicar sua obra a um verme.

Brás Cubas é narrador em primeira pessoa – e narrador intruso; tal fato é de extrema importância para a análise que será delineada neste trabalho. A partir de seu ponto de vista autobiográfico e comentários que permeiam toda a obra, o narrador traceja sua personalidade aos poucos, desde descrições sobre sua infância quando era muito mimado por seu pai, a diálogos travados com personagens de pouca relevância para a obra, mas que muito auxiliam o leitor na construção do caráter do personagem.

O crítico literário François Mauriac propõe que os personagens de um romance devem ser classificados de acordo com seu ponto de partida de distanciamento da realidade. A primeira classificação pressupõe um leve distanciamento. Segundo Mauriac, "Só quando começamos a nos desprender (enquanto escritores) da nossa própria alma, é que também o romancista começa a se configurar em nós" (MAURIAC, 1933, p. 97). Nessa classificação encaixa-se Brás Cubas escritor e defunto autor. O afastamento – fruto do

---

<sup>8</sup> *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1880, n. 202.

delírio que teve da realidade que corrompeu seu caráter aos poucos, antes de morrer, e, principalmente, a morte –, o impulsionou a utilizar da desgraça humana como princípio de um objeto estético.

#### 1.4 Um sábio reflete sobre a morte, outro nasce dela

Como se sabe, a morte é um assunto obscuro, tratado de forma mórbida, macabra, que assusta e distancia o homem de reflexões quanto à essa fase. Philippe Ariès em *História da Morte no Ocidente* traça um panorama simplificado do comportamento do homem frente à morte no decorrer dos séculos. A princípio vista com temor, a morte passou a ser tratada com certa familiaridade, sendo “domesticada”, termo utilizado por Ariès. Durante a Idade Média, por exemplo, a cerimônia fúnebre era de tamanha importância, tal que anunciava um ar sacro. Os túmulos se alocavam em torno da igreja. Tanto que na língua medieval a sentença “igreja” abarcava todo o espaço em torno da igreja, como o próprio templo, o campanário e o cemitério<sup>9</sup>.

A partir do século XVI, a morte começou a ser pensada de forma individual, o que levou o homem a refletir acerca desse fenômeno. A conscientização da morte como fim de si mesmo trouxe estranhamento e temor. O Juízo Final passou a ser apresentado de forma artística a partir do século XII, sob esse deslocamento de perspectivas – da ênfase na ressurreição ao enfoque no julgamento individual, levando à condenação: não ser salvo.

Desde então, a morte passa a ser estampada de forma mórbida e assustadora, de forma que o medo era instigado. O temor perante a morte resultou em seu silenciamento, induzindo o homem a viver sua vida para obter notoriedade antes de seu fim e estimulando-o à necessidade de obter êxito, fama, alcançar *status* digno de honra em vida. O reconhecimento de outros quanto ao que se conquista torna-se o incentivo do que almejar, material e intelectualmente, desde que receba o devido prestígio por conta disso; busca então uma forma de perpetuar-se, cravar seu nome na história como de alguém que fez a diferença.

---

<sup>9</sup> ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

A leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Eclesiastes* permite destacar que a necessidade do homem de deixar seu nome marcado é para um benefício individual, pela exaltação de si mesmo e satisfação consigo. Esse assunto, no entanto, será explanado com mais afinco no capítulo II.

A figuração da morte é o ponto-chave na caracterização do romance de Machado de Assis como um marco na literatura brasileira e sua introdução na fase realista. O romance aparece como resultado de um processo literário similar a um homem que nasce, cresce e morre. Em *Óbito do Autor*, Cubas ressalta que "a campa foi outro berço", de onde se infere que a morte serviu tal qual um renascimento de si ou o nascimento do autor que descreveria detalhes e situações que em vida relataria de diferentes modos e olhares – o olhar das leis sociais.

Nasce a morte, um personagem tão importante quanto o pai de Brás Cubas, Virgília ou Marcela. Ela permitiu que as memórias póstumas se tornassem um objeto estético que simula o verdadeiro eu dos valores arraigados e a moral medíocre que rege o corpo social. A naturalização da hipocrisia pode ser percebida no trecho destacado do capítulo 34, onde Brás Cubas se dirige diretamente a quem o lê:

Há aí, entre as cinco ou dez pessoas que me leem, há aí uma alma sensível, que está decerto um tanto agastada com o capítulo anterior, começa a temer pela sorte de Eugênia, e talvez... sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame cínico. Eu cínico, alma sensível? Pela coxa de Diana! Essa injúria merecia ser lavada com sangue, se o sangue lavasse alguma coisa neste mundo. **Não, alma sensível, eu não sou cínico, eu fui homem.** (ASSIS, 1995, p. 77 - grifo nosso).

Por meio da morte, Cubas coloca-se como acusador, julgador como plano de fundo, expondo a si mesmo e a seus costumes sem medo de auto-avaliações; um efeito estético até então desconhecido à literatura brasileira. Suas conclusões se dão pelas atitudes tomadas por si mesmo e pelos pensamentos que permearam cada decisão tomada. Machado explicita seu objetivo no romance ao enunciar que “a franqueza é a primeira virtude de um defunto” (ASSIS, 1995, p. 62). Sua acidez não se restringe tão somente à sua

própria descrição. Em um dado momento, ao falar sobre sua mãe, Cubas a retrata como “uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração” (ASSIS, 1995, p. 33).

Por trás do manuseio da narrativa de um defunto autor, há a liberdade que permite traçar, por intermédio de uma nova dimensão artística, a explanação da hipocrisia por dentro e a desmistificação/naturalização da morte em benefício da literatura – empregando-a como uma ferramenta que conduz à verdade ácida das inter-relações sociais.

Graças ao seu desprendimento quanto aos cuidados em expor as intenções morais, aparenta ter se tornado alguém amargo, ao que ele argui que a morte não o “tornou rabugento, nem injusto” (ASSIS, 1995, p. 68). Isso reforça a qualidade de transparência de seus relatos e permite que Brás Cubas utilize-se da sinceridade e da falta de decoro para se apresentar verdadeiramente em intenções e comportamentos.

Brás Cubas se posiciona como o indivíduo subjugado e conduz o leitor pelo viés de quem, comumente, é criticado do ponto de vista de uma terceira pessoa. Para construí-lo, o autor precisou se distanciar da cultura em que estava inserido e imprimir o que colheu dentro de seu personagem. Dessa forma, se expõe efetivamente com fatos que permitem uma compreensão passível de julgamento do leitor, o que faz com que ele seja considerado hipócrita e vaidoso, sem fazer referência direta à sua metaforização quanto à sociedade e sem a intenção de convencer o leitor e impor sua verdade como absoluta, apenas o familiariza com o contexto que está inserido.

Diferentemente do romance de Machado de Assis, o Pregador afirma com solidez que o que está apresentando é o legítimo segredo da vida. Seus argumentos são baseados em sua experiência de vida e, com isso, o leitor é impelido a crer em seu parecer sobre a vida – a vaidade das vaidades. Ed René Kivitz, em *O Livro Mais Mal-Humorado da Bíblia*, enfatiza a acidez do autor em apresentar a realidade crua do que a sociedade se tornou: “A sinceridade rude do Eclesiastes é a prova de que não está disposto a se enganar” (KIVITZ, 2009, p. 31).

Em Eclesiastes a morte é retratada sob quatro aspectos: 1) Como o remate de uma vida onde o objetivo foi simplesmente acumular títulos, riquezas e notoriedade: “Ele (o homem) chega na vaidade e se vai para as trevas, e as

trevas sepultam seu nome" (Ecl. 6: 4). 2) O fracasso de quem viveu por isso e hoje, na vida pós-morte, não sabe coisa alguma e agora não terá mais chances de conquistar recompensas nem é capaz de fazer algo para alcançar reconhecimento; 3) O ponto que iguala todos os seres, pois o que sucede aos seres humanos também alcança os animais. Todos procedem do pó e ao pó tornarão<sup>10</sup>:

Quanto aos homens penso assim: Deus os põe à prova para mostrar-lhes que são animais. Pois a sorte do homem e a do animal é idêntica: como morre um, assim morre o outro. (Ecl. 9: 4).

E o 4º tópico: o ponto positivo da morte é a pausa para reflexão sobre si mesmo.

O primeiro item nos remete à busca pela glória individual, a qual será abordada com mais minúcia no capítulo seguinte. A segunda abordagem seria capaz de desfazer a fantasia que permite ao leitor de *Memórias Póstumas* que se deixe conhecer os entremeios da realidade do ser humano, pois faz do morto alguém que já não tem responsabilidades nem poder algum em terra. Deixemos este tópico em suspenso para não perder o encanto de Brás Cubas.

Já o terceiro ponto em questão será, de certo modo, o desfecho desse estudo. A grandiosidade da reflexão sobre a morte tem justamente como objetivo viver uma vida reta e íntegra, mas não de forma dogmática e presunçosa. Tem como cerne a troca dos valores vigentes pela essência do homem.

O livro deixa claro em diversas passagens o quanto as desgraças da sociedade são provenientes da necessidade do homem de se beneficiar em detrimento do outro. Apresenta ainda o motivo: "Vi essas coisas todas ao aplicar o coração a tudo o que se faz debaixo do sol, enquanto um homem domina outro homem, para arruiná-lo" (Ecl. 8: 9). No versículo seguinte, encontramos a razão do homem se apoiar e insistir no egoísmo e na hipocrisia: como as consequências de atos impróprios não são colhidas em vida, o homem se vê livre para praticar o mal, "Uma vez que não se executa logo a

---

<sup>10</sup> "Tudo caminha para um mesmo lugar: tudo vem do pó e tudo volta ao pó". Eclesiastes 3: 20.

sentença contra quem praticou o mal, o coração dos filhos dos homens está sempre voltado para a prática do mal" (Ecl. 8: 11).

Há também o fato de que todos são passíveis do bem e do mal, tanto o homem com princípios voltados aos mandamentos das Escrituras quanto o que vive fora do âmbito cristão. Isso, para um leigo, desestimula a escolha de viver em detrimento do seu bem-estar alcançado ao buscar a substância da vida e não em acumular riquezas.

Porém, Eclesiastes nos afirma que o maior privilégio – e responsabilidade – do ser humano é a certeza da igualdade quando tudo se findar. Não há necessidade de se ocupar em acumular recursos financeiros ou *status* quando, no fim, todos serão igualados à mesma categoria. "Tudo o que te vem à mão para fazer, faze-o conforme a tua capacidade, pois, no Xeol<sup>11</sup> para onde vais, não existe obra, nem reflexão, nem conhecimento e nem sabedoria" (Ecl. 8: 10); é confirmado por um versículo de Jó, outro livro sapiencial, e atesta que "lá [no Xeol] pequenos e grandes se avizinham".

A última questão foi o que guiou a escolha do presente estudo. O Pensador expõe sua preferência em ir a uma casa em luto a ir a uma casa em festa no capítulo VII, versículo 2. Como a maioria dos trechos bíblicos, perde-se a essência, se analisado fora do contexto. Haroldo de Campos observou da seguinte forma:

A celebração da morte está correlacionada ao tema da opressão do homem por seu semelhante e expressaria, no estilo antitético do livro, a simpatia pelos oprimidos: a vida, sob a opressão, torna-se indigna de ser vivida. (CAMPOS, 2004, p. 133)

Estar em companhia de quem passou pela experiência de ter perdido alguém benquisto é, para o Eclesiastes, algo de que se pode tirar grandes lições. A perda gera dor, a dor gera reflexão, nas adversidades nos tornamos melhor. Como a morte é um assunto silenciado na cultura ocidental, perdemos possibilidades de estudar a vida quando em paralelo com a morte.

É nesse ponto que o discurso de um sepulto e de um velho sábio auxilia-nos no crescimento individual que, ao ser reflexo para outros, resulta num

---

<sup>11</sup> "Xeol: palavra de origem desconhecida, que designa as profundezas da terra, onde os mortos 'descem' e onde bons e maus se confundem e têm sobrevivência apagada". Nota de rodapé *d* da Bíblia de Jerusalém referente a Nm: 16 – 33.



desenvolvimento da sociedade. Conforme assevera Philippe Ariès, "Esquecer-se da morte e dos mortos é prestar um péssimo serviço à vida e aos vivos" (1993, p. 58), desde que ignorar a busca do sentido da vida pode nos levar a três espécies de pessoas: os cínicos e hipócritas, os hedonistas ou os extremamente religiosos que vivem em busca da própria salvação a todo custo.

Notórios trabalhos nacionais literários foram produzidos seguindo a mesma linha das obras estudadas. Lima Barreto produziu contos com esse viés; dois deles chamam atenção pelo conteúdo similar ao de *Memórias Póstumas* e *Eclesiastes* e harmoniza com o objetivo desse trabalho.

No conto *Carta de um defunto rico*, o personagem José Boaventura da Silva escreve uma epístola sobre as vantagens de, graças à morte, estar livre das imposições da sociedade, das regras de bom convívio. Se diz purificado das imundícies sociais e despreocupado com os bons costumes, a roupa apropriada de sua esposa para determinado local exalta a leveza dessa nova fase e no legado que deixa com a efemeridade da glória que se findará no fim de seu enterro. A morte nos casos tratados remete-nos sempre à necessidade de se firmar no eterno. O que não impede que a vida seja leve conquanto que eternidade seja o prêmio de se viver sem ideologias que, necessariamente, forjam seu caráter. "Atualmente, sou sempre..." <sup>12</sup>.

### 1.5 Intenções e objetivos por meio das memórias

Por se tratar de uma narrativa memorialista, no decorrer do livro, Brás Cubas tem lapsos de memória, embaralha alguns fatos, conta a história de forma desordenada, não linear. Tal artifício é um recurso literário que permite que permaneçam em seus relatos apenas o necessário aos olhos do narrador para levá-lo ao que Brás Cubas gostaria de lhe mostrar.

---

<sup>12</sup> O trecho foi extraído do conto publicado em *Os 100 melhores contos de humor da literatura universal*, editora Ediouro, 2001, p. 368, organização de Flávio Moreira da Costa. Há nesse conto e em *Um que vendeu a sua alma* – ambos de Lima Barreto, traços de uma literatura influenciada pela exasperação e pessimismo provenientes de *Eclesiastes* que foram introduzidos pelo romance de Machado de Assis.

Nessa dialética entre memória e imaginação encontra-se uma vulnerabilidade no texto que fortalece o caráter atemporal da obra de Machado de Assis tanto no âmbito literário e filosófico quanto moral e transfigurador da realidade.

Por ser um livro dedicado a chegar à percepção gerada a partir das experiências vividas pelo autor, *Eclesiastes* se enquadra como narrativa memorialista assim como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. “Não há um plano definido; mas trata-se de variações sobre tema único, a vaidade das coisas humanas, que é afirmada no começo e no fim do livro”, conforme consta na Introdução ao *Eclesiastes* na Bíblia de Jerusalém. A maneira dispersa e não linear do autor, ao retratar fatos que o fizeram constatar que tudo é vaidade, se assemelha ao despojamento de Brás Cubas e o desprendimento ao padrão da época romântica anterior.

Outro tipo de contato possível entre as duas obras se dá pela essência de transformação na cultura de seus respectivos povos. O choque causado pela exposição do verdadeiro ser social descrito em ambas as obras mostra direta (no caso de *Eclesiastes*) e indiretamente (*Brás Cubas*) o anseio pela transformação dos valores da sociedade.

De forma geral, as narrativas memorialistas enriquecem a leitura pela utilização da primeira pessoa para descrever as histórias. No que diz respeito às descrições que se perdem por serem apresentadas meramente as impressões externas de todos os personagens pelo ponto de vista de apenas um deles, consideram-se vantajosas de certo modo. Tal recurso permite que se observe a fundo as intenções reais de pelo menos um personagem, exacerbando a leitura da hipocrisia ali revelada.

Anderson Borges, em seu artigo "*Memória e ceticismo em Machado de Assis*", declara que esse recurso memorialista aliado à fina ironia explícita com mais clareza o ceticismo que permeia a obra. Sua ideia é baseada também na afirmativa de Cubas de que apenas a substância da vida (ASSIS, 1995, p. 59) foi trabalhada no texto, ou seja, a essência da vida.

Em contrapartida, as narrativas contadas são uma sucessão de males ligados direta ou indiretamente à morte, como a perda de seus pais, Quincas Borba e sua decadência, a frustração de seu relacionamento com Marcela e reencontrá-la depois com a pele corroída pela bexiga, a ânsia de Virgília em permanecer com Lobo Neves para alcançar o status de Marquesa como lhe havia sido prometido antes do casamento, entre outras.

Apesar da afirmação supracitada, Anderson Borges assevera que o ceticismo é característica do Brás Cubas defunto, dado que a morte despertou uma nova visão da sociedade no personagem. Retornando à memória como elemento base para descrever a decadência do homem, afirma que pode "restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos" (ASSIS, 1998, p. 68).

O tom pessimista e antropocêntrico do livro de Salomão ao relatar suas memórias apresenta fatos e argumentos de um autor que viveu experiências várias sobre o relacionamento do homem com Deus, do homem com seu próximo e do homem consigo mesmo, chega à conclusão de que tudo é vaidade.

A relação com Deus aparece de forma que o Senhor é quem determina a existência da vida e o destino do homem, fazendo com que ele não possa controlar o que lhe acontecerá. A linguagem com que o livro foi escrito também se torna um elemento que justifica sua diferença facilmente perceptível entre os livros bíblicos. Segundo Scott, "ele possui características que se assemelham a um dialeto desenvolvido em certos círculos sob a influência do aramaico, pouco antes do início da era cristã" (SCOTT, 1965, p. 191, 192).

Com memória e imaginação aliadas, percebe-se a inteligência narrativa de ambos os autores que, ao transformarem o cotidiano no estético e acrescentarem tom de sensibilidade à miséria humana, tornam-lhes universais e por isso expressa com mais clareza a condição humana.

A construção de Memórias Póstumas se deu de forma a transformar a miséria humana mediante gesto estético que suaviza a mesquinha realidade

vigente. É uma manobra que merece destaque; tanto o é que causou admiração a Auerbach, quando utilizada nas primeiras obras realistas:

O escritor é um produtor; o público, o seu cliente. [...] Como pode o produtor insultar tão desconsideravelmente o seu cliente! Nos séculos em que o escritor dependia de um mecenas principesco ou de uma minoria aristocrática fechada, um tom semelhante teria sido totalmente impossível. [...] É claro que com isto contava com a sensação que o prefácio deveria despertar; pois o pior perigo que a obra corria não era a resistência [...] – pior dos perigos que ameaçavam uma obra de arte era a indiferença. (AUERBACH, 1971, p. 436-437)

Eclesiastes dialoga com Memórias Póstumas mais uma vez por admitir que a miséria humana já havia sido retratada anteriormente, apesar da diferença de que na obra religiosa são apresentadas soluções para isso.

Ambos os livros evidenciam a realidade hipócrita percebida no comportamento humano e que, de tão corriqueira, assimilou-se à cultura e à natureza dos seres. Por meio da inquietação que a literatura proporciona, ao fazer com que o sujeito se insira na moral intrínseca do romance, o leitor passa a analisar seus próprios atos, conforme a auto-avaliação destemida que Brás Cubas e Salomão fazem de si mesmos e da sociedade que os circunda.



## 2 Vaidosos e opiniáticos

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio, porque este não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,  
**cantaremos o medo da morte** e o medo de depois da morte.  
**Depois morreremos de medo**  
**e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.**

*Carlos Drummond de Andrade, Congresso internacional do medo.*

### 2.1 A *hebel* se revela

A vaidade é o medo de não parecer o que intimamente o sujeito espera de si mesmo – tendo como expectativas o modelo pré-definido como aceitável pelo corpo social de que para ser aceito, deve-se possuir notoriedade e grandes bens. Complementar o conceito de vaidade com a subjetividade precisa de *Congresso Internacional do Medo* de Drummond, nos expõe à série de perdas e máscaras que o medo de ser o que se é nos confere.

Em *Eclesiastes*, O Pregador o inicia com três palavras: "vaidade das vaidades". Na língua hebraica (original em que o livro foi escrito) não há um instrumento como o grau superlativo sintético que permite enfatizar uma característica na sentença. Devido a isso, a repetição das palavras unidas por *de +* é o que conhecemos por superlativo hebraico. Com o uso desse recurso linguístico, o autor do livro prepara seu leitor para o intenso significado da expressão relatada em seu trabalho.

*Eclesiastes* aborda com uma escrita densa reflexões acerca da vida vã e, acima de todas as coisas, da vaidade, em hebraico *hebel*. Ao enfatizá-la – *havel havalim*, ou traduzida para o latim *vanitas vanitatum*, transfigurado para o português como “vaidade das vaidades”. O número de ocorrências dessa palavra é de 33 vezes na Bíblia de Jerusalém da editora Paulus de 2002, 28 vezes na Bíblia Sagrada traduzida em português por João Ferreira de Almeida e 37 na Bíblia de referência Thompson; exemplos da evidência dada a esse

tópico ao livro. É relevante acrescentar que em grande maioria, aparece acompanhada como conclusão, sentenciando que tal comportamento não é nada mais do que vaidade, como no trecho a seguir:

Ao homem do seu agrado ele dá sabedoria, conhecimento e alegria;  
mas ao pecador impõe como tarefa ajuntar e acumular para dar a  
quem agrada a Deus. Isso também é vaidade e correr atrás do vento.  
(Eclesiastes 2: 26)

Trabalhar com a vaidade ressalta a questão antropocêntrica abordada em um livro sacro. No transcorrer dos escritos, o Pregador exibe sua personalidade como de alguém angustiado que enfrenta a dicotomia ego x essência, reflete valores e toma consciência de si e do mundo ao confrontar suas atitudes e escolhas. O confronto o engrandece e faz com que ele se exponha de maneira destemida de julgamentos e menosprezo para, através da análise da decadência de si mesmo, deixar sabedoria como legado a quem o lê.

Já nas *Memórias Póstumas*, Brás Cubas não se mostra explicitamente preocupado em mudar o mundo ou a concepção de vida de seu leitor. E é se colocando no lugar do vaidoso que se apresenta verdadeiramente em intenções e premissas para suas atitudes que, por sua vez, dá brechas para a análise da vaidade como mal que desenlaça todas as misérias da sociedade. Sua narrativa é exposta, a princípio, de maneira atípica, fora de uma contagem cronológica, levando à obra os pontos primordiais da história de Cubas, de sua personalidade e da construção de sua identidade: sua morte, o emplasto, seu nascimento, Virgília, o delírio e, a partir daí, segue praticamente uma ordem em tempo e espaço como se explanasse um panorama de sua vida, traçando lenta e detalhadamente momentos relevantes de sua história que metaforizam o comportamento vigente na sociedade.

"De todas as paixões, a que mais se esconde é a vaidade: e se esconde de tal forma, que a si mesma se oculta e ignora" (AIRES, 1993, p. 18), é o que afirma o moralista Matias Aires em *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, obra que será largamente usada neste capítulo. O autor assegura que não há apenas um conceito do homem acerca da vaidade, mas sim uma concepção

geral do Universo, pois a trata como origem de toda compreensão sobre as coisas.

Não há definição, mas, no entanto, não a define como indefinível; Aires trata o conceito como qualidade intrínseca, conceito subentendido na sociedade, que leva o homem a cuidar mais das aparências – o que define a personalidade do opiniático defunto, dado que suas ações individualistas eram tão naturais que nos parece não ser nada demais.

A vida de Brás Cubas sempre foi um emaranhado de fatos/consequências de sua postura de portar-se de acordo com o que lhe traria benefícios. Traçar sua personalidade de acordo com as experiências com seus pais, sua irmã, Marcela e a época de graduação, por exemplo, nos permite examinar com profundidade e segurança o que levou Brás Cubas a desabrochar a "flor amarela" da hipocondria e a hipocrisia.

Matias Aires apresenta a vaidade de diversos aspectos e o que estimula o homem a viver na sombra de suas ambições. Trabalharemos com algumas proposições tais como: a) a vaidade similar ao amor-próprio<sup>13</sup> e b) a vaidade como vício e virtude de forma análoga resultando em conquistas que levam ao desenvolvimento da sociedade e do indivíduo.

Desde a infância, Cubas via seu próprio mundo a partir do contexto criado por seus pais de que ele era o centro da terra. Cabe ressaltar a origem de seu sobrenome; o *status* de um sujeito na sociedade era comumente identificado por isso, e, na narrativa, foi o primeiro elemento indicador da vaidade como motivador do comportamento social de sua família, reverberando na personalidade de Brás Cubas.

No capítulo *Genealogia*, somos apresentados a seus antepassados. Damião Cubas foi o fundador da família, tanoeiro (trabalho dedicado à fabricação de barris) e não se deixou morrer neste cargo – o que foi enfatizado: "onde teria morrido na penúria e na obscuridade" (ASSIS, 1995, p. 16). Damião deixou grande quantidade de posses materiais como legado a seu filho licenciado Luís Cubas – onde começa a sessão de avós que a família

---

<sup>13</sup> Matias Aires. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. Fragmento 10, p. 21



realmente assume. A seus parentes, são atribuídas características referentes apenas à importância e ao papel social que tiveram. Brás ainda acrescenta o motivo de Luís Cubas ser o primeiro a ganhar consideração de seus descendentes: "estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde da Cunha" (ASSIS, 1995, p. 16), o contrário de seu pai, que "era, afinal de contas, um tanoeiro, e talvez um mau tanoeiro".

Graças a essa ligação imediata do sobrenome Cubas à tanoaria, o pai de Brás alega que essa alcunha foi dada a um cavaleiro, herói, de grande reconhecimento nas jornadas africanas. O comentário de Brás acerca da conduta de seu pai quanto a isso - "era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas *quem não é um pouco pachola neste mundo?*" (grifo nosso - ASSIS, 1995, p. 16) suaviza a hipocrisia paterna em almejar escapar de um sobrenome que o ligasse a algo negativo diante a sociedade, vinculando a um contexto diferente do que realmente era. Sobre o próprio nome, Brás alega que primeiramente o pai adotou-o em homenagem a um capitão colonizador português que fundou o povoado de Santos, no litoral paulista <sup>14</sup>, posteriormente revela que a família do capitão se opôs, e foi daí que surgiu a ideia do capitão de façanhas na África.

Sobre seu batizado, Brás relata de modo que reflete os valores passados a ele desde criança: tudo o que sabe é que havia acontecido grande festa com notoriedade capaz de mobilizar a cidade. Não podemos afirmar, no entanto, que Cubas foi influenciado apenas por valores mesquinhos. Sua mãe tentava o educar com alguns preceitos dogmáticos, costumes da religião cristã que predominava no Brasil. A reação do menino não era das melhores, o que ressalta seu espírito genioso e contumaz:

Minha mãe doutrinava-se a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. (ASSIS, 1995, p. 33)

Observar o panorama familiar de Cubas nos auxilia quanto à compreensão das razões e valores vigentes em seu contexto: Rio de Janeiro,

---

<sup>14</sup> Nota de rodapé nº 2 da edição de Memórias Póstumas de Brás Cubas da editora Moderna, 1994.

século XIX, centro do Brasil e da cultura mundial, graças à nossa identidade nacional ser pouco mais do que uma coleção de tendências europeias. Havia, como sempre haverá, os dois lados de um ponto de vista sobre o comportamento social e individual do ser humano.

O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada, – vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor. (ASSIS, 1995, p.35)

A percepção da vaidade como um mal que corrompe o indivíduo e faz voltar sua vida para a sede de nomeada, de conquistas e bens materiais; por outro lado, a busca por se conectar mais à essência da vida por si mesmo do que através da visão do outro. Mesmo nessa perspectiva, o homem busca um desenvolvimento pessoal e o usufrui em detrimento do bem individual e para vangloriar-se por conta disso. O que também é vaidade.

Cubas nos relata a visão de seus tios sobre a glória e a vaidade. João, que fazia o perfil boêmio galanteador, adotava uma postura permissiva com Brás Cubas, que desde os 11 anos era exposto a anedotas despudoradas e repletas de obscenidades. Seu tio costumava dizer que "o amor à glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e consequentemente, a sua mais genuína afeição". Já o de batina, religioso e devoto, afirmava que "o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna" (ASSIS, 1995, p. 15).

Matias Aires uniu os dois conceitos em sua obra tratando da teoria, dos resultados e do estímulo à vaidade. Sob sua ótica, a vaidade é mal do século e a incitação ao seu crescimento. A necessidade de supervalorizar o Estado, cidade, o grupo ou qualquer instituição que o homem faça parte, estimula o mesmo a buscar seu melhor, alcançar alguma conquista e, com isso, crescimento:

Nada contribui tanto para a sociedade dos homens como a mesma vaidade deles: os impérios, e repúblicas, não tiveram outra origem, ou ao menos outro princípio, em que mais seguramente se fundassem. (AIRES, 1993, p. 22)

O relacionamento de Brás com Virgília é um indicador implícito da motivação causada pela necessidade de alimentar a vaidade do homem. Ao ser apresentados um ao outro, não houve interesse maior por nenhuma parte. Acertou-se com seu pai quanto ao "interesse" em relação ao casamento, quanto à ocupação política que Brás assumiria e o entusiasmo foi tal qual a construção dessa frase. Até que surge Lobo Neves. Ao conquistar Dutra, pai da moça, com suas influências políticas, passa a ocupar o posto das duas Virgílias de Brás Cubas. Quando é perguntado pela filha do Sr. Dutra quando seria ministro, Lobo Neves afirma que fará dela marquesa já que seria marquês; assim, Cubas vê seus planos serem desfeitos sem muito esforço. E sem muita consternação.

Contudo, sua metaforização quanto às escolhas de Virgília introduzem o leitor ao que Brás sente em relação a Lobo Neves (ASSIS, 1995, p. 87): uma águia e um pavão. A águia que alça grandiosos voos simulando o futuro marido de Virgília, que ambiciona altos cargos políticos, visibilidade e poder, e Brás Cubas como um pavão, ave famosa pela artística exibição de sua cauda em razão de cortejar sua fêmea e convencê-la de ser uma boa escolha para reprodução. Mas, como se sabe, a cauda do pavão não é a única razão pela qual um pavão macho é escolhido. E assim ele é deixado com seu espanto, despeito e três ou quatro ou cinco beijos que oferecera à fêmea. Descrevê-los brevemente desse modo é o primeiro indício da dicotomia que Brás e Lobo Neves representariam ao coração de Virgília.

À medida que a narrativa se desenlaça o defunto expõe sutilmente a personalidade de Lobo Neves que, mesmo possuidor de “certa dignidade fundamental” – o que nos remete à necessidade de um mínimo de postura moral para com o outro, não se exime da corrupção de seus comportamentos, e sua essência, mas encobria-se de “camadas de caráter que a vida altera, conserva ou dissolve, conforme a resistência delas” (ASSIS, 1995, p.145).

A filha do político Dutra nos é apresentada como todas as outras mulheres de Brás: com segundas, terceiras e maliciosas intenções, sempre agindo de forma enigmática e utilizando-se de truques sociais. O romance de ambos sobreviveu graças à necessidade da carne, à presença um do outro

estimulados, como diz Brás, pela adrenalina de resistir às contrariedades que a história os expunha. Foi o que aconteceu a exemplo da desistência de Lobo Neves de assumir a presidência de uma província por conta da superstição do número 13 – data em que foi publicada sua nomeação. Faz-se mister destacar que Brás Cubas seria levado com ele como secretário da presidência, porém, desistiu:

Entrei a amar Virgília com muito mais ardor, depois que tive a pique de a perder, e a mesma coisa lhe aconteceu a ela. Assim, a presidência não fez mais do que avivar a afeição primitiva; foi a droga com que tornamos mais saboroso o nosso amor, e mais prezado também. (ASSIS, 1995, p. 143)

Desde que começaram a se relacionar, é possível identificar que não havia a menor preocupação da dama em relação a Neves, tanto que se encontravam dentro de sua própria casa, mais tarde junto ao filho dela com o marido e nos variados encontros em locais públicos e escapadas para conversas a sós. A personalidade dissimulada, "faceira e pueril" de Virgília esconde a ânsia de angariar altas posições sociais e disso ser mais forte do que a vontade de estar com Brás Cubas. Porém, ele não demonstra verdadeira vontade de assumi-la como esposa. A não ser quando começa a ser tratado por ela com pouco-caso.

No capítulo 103, *Distração*, começa a ser mais evidente em suas descrições um ar de desdém pela companhia de Virgília. A senhora começa a delinear comparações entre o perfil de Lobo Neves e Brás Cubas por conta de uma briga devido ao atraso de uma hora para encontrar-se com ela. Graças a isso, Virgília opõe características presentes em seu marido e no amante, fato que alimenta o que já havia dado seus primeiros sinais de um desprezo delicado por parte de Cubas. Ao entrepor seus próprios devaneios quando deveria concentrar-se em sua amante – especialmente por terem se reconciliado há pouco, reverte a atenção da narrativa para a trajetória de uma formiga e uma mosca.

É no momento da dúvida entre aceitar ou não o secretariado na província que Brás Cubas se vê entre a exposição do caso com Virgília e os comentários perniciosos, perda do apreço político e, conseqüentemente,

escândalo. A princípio, os argumentos que usou para disfarçar a vaidade posta em cheque foi de proteger a figura de Virgília, não a de si mesmo. Dia 31. Lobo Neves finalmente é nomeado presidente da província. Com essa notificação, parte com sua família para São Paulo. O casal é forçosamente se separa. A reação de Brás é tal como o leitor que já o conhece esperaria: amargura e desesperança nos primeiros momentos, seguidos de indiferença: “alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado em iguais doses” (ASSIS, 1995, p. 176).

Quando sua irmã Sabina de certa forma o obriga a comprometer-se com o matrimônio, se vê impulsionado a aceitá-lo a princípio pela ideia de ser pai. Seu instinto havia sido instigado graças à gravidez frustrada de Virgília que o tornou esperançoso, mais humano e mais homem, como ele afirma no capítulo 90. A ideia paterna fez de Brás o que era a figura de seu próprio pai. Conversar com o embrião e desde cedo fantasiar um futuro agigantado e permeado por conquistas notórias reproduz a perspectiva que o senhor Cubas depositara em Brás quando em vida; a mesmo moral que prioriza algo contrário ao que a essência do homem requer.

É quando Brás opta por aceitar o matrimônio; surge o interesse por Eulália Damasceno, ou, simplesmente, Nhá Loló. De todas suas qualidades adaptáveis ao padrão social, a inconveniência de um vício de seu pai, Damasceno, ganha um capítulo inteiro. Ao descerem o morro retornando da missa a casa, os três, juntos, percebem uma agitação incomum. O alvoroço dava-se à briga de galos que chamou a atenção do pai de Eulália e o fez apostar, gritar, perder a compostura devido a tão grande êxtase. Brás, então, a conduziu para continuarem o trajeto interrompido. Alguns metros depois, são alcançados por Damasceno. Seu descontrole causou acanhamento a Brás Cubas. Muito mais a Nhá-Loló, que via o pai se transformar em outro quando se tratava de tal assunto: "Damasceno não sabia mais nada; o espetáculo eliminou para ele todo o universo" (ASSIS, 1995, p. 184).

Sendo prática comum à classe baixa, o apreço exacerbado pelas brigas de galos causou constrangimento a Brás e à Eulália. Contanto que sua estima permanecesse obscura, não incomodaria a ambos; a partir da exposição de

seu vício, Eulália temia que seu pai não fosse qualificado por Cubas como homem digno de ser seu sogro. O *Eclesiastes*, mais uma vez, possui um trecho que ilustra perfeitamente o posicionamento de Eulália como generalizante da postura do homem em relação ao constrangimento causado pelo julgamento alheio:

9. Mais vale o que os olhos veem do que a agitação do desejo. Isso também é vaidade e correr atrás do vento. 10. [...] sabe-se o que é um homem: não pode processar o que é mais forte do que ele. (*Ecl.* 6: 9-10)

A vida refinada e luxuosa de Brás Cubas atraía Eulália. Seu anseio era tanto que era percebido e estudado por ele – tanta disposição cativava Brás Cubas. "Uma intenção mui fina" é o que intitula o capítulo seguinte. Com essa apresentação, Brás nos conduz nesse capítulo, como em muitos outros, de forma semelhante a um conto: o impacto inicial que se desenrola ao que nos havia sido apresentado prioritariamente. Selar o casamento foi, como Cubas argumenta, um motivo inevitável para arrancar aquela bela flor do pântano. Salvá-la de suas origens, implantando de forma indireta os valores que o corromperam e que seduzia Eulália.

Nhá-Loló, com seus dezenove anos, ingenuidade e submissão, representava a pura e exemplar mulher digna de ser esposada e figurar ao lado de um sujeito que ansiava alcançar posições políticas. Até que sofreu uma moléstia levando-a a morte.

A partir do momento em que as mulheres deixam de ser o ponto principal de sua história, a vaidade assume majoritariamente o cerne das atitudes de Brás, que o leva a dedicar-se ao emplasto, à conquista de alto cargo político (conseguiu se tornar deputado), e a ser ministro de Estado, como forma de alimentar seu caráter egocêntrico e recuperar a honra de si mesmo, de seu nome, de sua família.

Um dos pontos de mais relevância para a caracterização da obra de Machado de Assis como crítica severa aos costumes burgueses se dá por meio do Emplasto Brás Cubas. Por buscar a eternidade, contraditoriamente Cubas concentra sua vida em conquistas efêmeras que possam resultar no reconhecimento de outros homens.

Emplasto e seu significado já dizem muito sobre o objetivo de sua ideia fixa. Assim como placebos, são meios fármacos voltados à cura superficial de problemas causados por desordens psicológicas. No caso de emplasto de Cubas, é um medicamento sólido que se sobrepõe à pele para que o calor do material desenrije os músculos, facilitando a cura da hipocondria, doença que possuía.

A obsessão pela fama ganha atenção quando assemelha sua ideia fixa como se ela o convidasse tal qual a Esfinge e o enigma a Édipo: “decifra-me ou devoro-te”. Segundo a mitologia, Édipo desvendou o que lhe foi proposto, o que levou a Esfinge ao suicídio. Ao aceitar a ideia da criação do emplasto, Brás foi acometido pela fixação de levá-la acima de qualquer coisa. Sua morte se deu pela pneumonia oriunda de um golpe de ar que tomou enquanto pensava no emplasto; preocupação que o fez esquecer-se de se cuidar e deixar a doença evoluir sem os cuidados necessários – decifrou o enigma e morreu por conta dele.

Graças à franqueza proveniente da liberdade dada pela morte, o autor confessa que o maior estímulo para levar a ideia do medicamento adiante era enaltecer a si mesmo. O que fica claro ao expor a ideia das duas facetas do Emplasto: o lado voltado ao público – filantrópico; e a face defronte Cubas – a glória de seu nome estampado em “jornais, folhetos, esquinas e enfim nas caixinhas do remédio” (ASSIS, 1995, p. 15). Era de suma importância a ele que seu nome estivesse estampado em algo que o eternizasse e conferisse relevância à sociedade. Não por elas, mas por satisfação própria. Era o grito de seu próprio nome por vaidade. Aires reflete sobre isso em um de seus fragmentos:

Finalmente queremos que se fale em nós: as mesmas sepulturas que são uns pequenos teatros das mais lastimosas sepulturas, que são uns pequenos teatros das mais lastimosas tragédias, espantam menos pelo horror das sombras, que pelo silêncio. (AIRES, 1993, p. 44).

No início da narrativa, o autor nos expõe uma situação de sua infância que situa-nos de forma contumaz sobre sua personalidade egocêntrica: o espadim. Com a notícia da queda de Napoleão, houve grande repercussão

dentro de sua família. Fato que não o incomodou, dado que havia ganhado de seu padrinho um espadim novo. Por priorizar o presente que havia ganhado em detrimento de Bonaparte, Cubas afirma que jamais se esqueceu de tal predileção. "Nunca mais deixei de pensar comigo que nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão" (ASSIS, 1995, p. 36). Aqui Brás Cubas sintetiza a ideia central de *vanitas vanitatum* exposta por Eclesiastes.

Nasceu o homem para viver uma contínua aprovação de si mesmo: as outras paixões nos desamparam em um certo tempo, e só nos acompanham em lugares certos; a vaidade em todo o tempo, e em todo o lugar. (AIRES, 1993, p. 22)

Assim se assemelha com um fato a que dedicou um capítulo curto e objetivo sobre o surgimento de um militar que cativara a atenção e fascinara Virgília. Vale destacar que o elemento essencial responsável por salientar o interesse dela foi o grande posto do "pelintra", um conde de Dalmácia. Por toda sorte, seus momentos de preocupação foram exauridos assim que ocorreu uma revolução no país de origem do conde.

Foi sangrenta a revolução, dolorosa, formidável: os jornais [...] transcreviam os horrores, mediam o sangue, contavam as cabeças; toda a gente fremia de indignação e piedade... Eu não; eu **abençoava interiormente essa tragédia, que me tirara uma pedrinha do sapato. E depois a Dalmácia era tão longe!** (grifo nosso – ASSIS, 1995, p.162).

Quando criança, Cubas relembra um dos criados da família. Ainda menino, Prudêncio era o escravo que acompanhava Brás em suas infantis vontades ditatoriais. Ele mesmo o caracteriza como seu cavalo; aliás, o menino era tratado como tal:

[Prudêncio] punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, - algumas vezes gemendo, - mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – "ai, nhô nhô!" – ao que eu retorquia: - "Cala a boca, besta!" (ASSIS, 1995, p. 32).



Sua atitude de menosprezo ao sujeito incitou em Prudêncio o instinto de supremacia e poder regado a maus-tratos derivados de desobediência ou qualquer atitude contrária à vontade de seu dono. Anos após, Brás Cubas voltando da casinha onde se encontrava com Virgília, avistou um negro açoitando outro na praça. Aproximou-se ao ouvir os gritos e insultos do agressor ao que sofria as dores do vergalho e olhou-os bem até perceber que quem agredia era seu moleque Prudêncio.

Cubas avalia a situação com a trivialidade inerente do homem que está acomodado e estagnado socialmente, no entanto, capaz de perceber que o corpo social devolve aquilo que nós mesmos implantamos. Além disso, há a obsessão pela dominação, que está livre de cor ou classe e é inerente de todo sujeito corrompido pela ânsia de império e superioridade que rege a sociedade.

*Um primo de Virgília* é um capítulo que, com a sutileza de seus comentários indiscretos, revela a amargura presente na necessidade de Cubas de se sobressair em relação a qualquer que fosse, amigo ou não. Luís Dutra e Brás Cubas tinham um relacionamento amigável. Luís criava versos fascinantes, melhores do que os de Brás, ao que retorquia com silêncio, pouco ou nenhum comentário sobre os trabalhos publicados por ele – era perceptível ao narrador a necessidade que Luís possuía de ser avaliado positivamente, ser exaltado. E justamente por perceber a forma entusiástica com que esperava saber como havia sido recebido por Cubas que o mesmo o respondia com desdém: “queria fazê-lo duvidar de si mesmo, desanimá-lo, eliminá-lo. E tudo isso a olhar para a ponta do nariz...” pelo cuidado de não elevá-lo acima do que Cubas era, dado que reconhecia que Dutra escrevia melhor do que ele mesmo.

O Qohélet trata sobre a questão da disputa entre os homens ser o maior estímulo do que se constrói no versículo 4 do capítulo 4: "observo também que todo trabalho e todo êxito se realiza porque há uma competição entre companheiros. Isso também é vaidade"<sup>15</sup>; o que ressalta ainda mais a convicção de Matias Aires de que os males resultantes da vaidade servem como remédios para a própria – o indivíduo se alimenta da avaliação que o outro tem sobre si: "entre os males da natureza, alguns há que têm remédio;

---

<sup>15</sup> Eclesiastes. Capítulo 4, versículo 4.

porém, os que têm a vaidade por origem, são incuráveis quase todos" (AIRES, 1995, p. 23).

Brás Cubas age como um retrato da degradação do nosso eu, de como a identidade do sujeito está intimamente ligada ao que o corpo social o determina, sendo praticamente impossível se desvencilhar de tais imposições. Amoldar-se ao meio não deve significar, no entanto, acomodar-se e manter-se inerte e obediente à superficialidade. A conflitualidade provém do homem por excelência. Necessita do confronto para a evolução do eu e, conseqüentemente, da humanidade.

Sempre abandonando o pensar no próximo e no legado positivo a deixar ao mundo, não por seu próprio interesse, mas pelo bem-comum. Foge a ele a reflexão sobre a efemeridade do ser, "pois nós nada trouxemos para o mundo, nem coisa alguma podemos levar"<sup>16</sup>; trata como prioridade e alimenta tal vaidade ao se enxergar através do olhar do outro e no modo com que falam de si. Aires finaliza a discussão com um excerto do fragmento 14: "A imaginação desperta e dá movimento à vaidade; por isso esta não é paixão do corpo, mas da alma; não é vício da vontade, mas do entendimento, pois depende do discurso" (AIRES, 1993, p. 23).

O homem cuida apenas de seu espadim. Estudar a vaidade será apenas um adendo ao nosso ego caso não nos faça explorar nossas próprias vaidades. Torna-se impossível desassociar a vaidade das intenções do ser humano. É aqui que entra a *kavanah*.

---

<sup>16</sup> 1 Timóteo. Capítulo 6, versículo 7.

## 2.2. – Kavanah

A palavra hebraica *kavanah* refere-se a um conceito básico de intenção natural do homem. Por muitas vezes durante a obra, Brás Cubas se contradiz no que acredita ser o real estímulo das atitudes do homem. Em um dado momento, explicita que “não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais” (ASSIS, 1995, p. 187). Já em outro, afirma categoricamente que o homem só cuida de teu espadim. Concepção que carregou desde a infância até o fim de seus dias. E depois deles.

Marcela é uma imprescindível personagem a se avaliar no que concerne à **intencionalidade** desde o primeiro contato amoroso ao fim do relacionamento. Desde que percebeu que sua amada não pertencia só a ele, Cubas passou a tratá-la de certa forma como prêmio a se alcançar graças à vitória de uma disputa de poder com o outro homem com quem ela possuía um relacionamento – Xavier. Por acabar conseguindo tomá-la – ou convencê-la materialmente, Cubas metaforiza a paixão ou ligação ou enlace ou afeição, em duas fases:

Teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu. Sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma, mas quando a credulidade não pôde resistir à evidência, o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas ai triste! Não o era de graça. (ASSIS, 1995, p. 44)

Marcela agia de forma calculada e cínica, pouco indiscreta, mas sem muita pretensão de disfarçar o interesse material que possuía. A descrição do narrador se torna indispensável para a compreensão real dela; o cinismo de Marcela vem acompanhado pela visão realista, de quem já sabe o que resultará do romance, ao encantamento primeiro a que Brás Cubas estava arrebatado.

Dissimulada, Marcela induz Brás a comprar-lhe presentes com o intuito de agradá-la ou até mesmo de fazer-se eterno na vida dela por meio de um objeto, como no caso do conjunto de joias que lhe foi dado quase no fim do

relacionamento. Ao ganhar outro regalo que ela mesma havia insinuado que gostaria, fez-se ofendida e fez gestos de que jogaria o colar fora. Extasiado, Brás Cubas não imaginava que aquilo fosse encenação, até que ao ser mandado para Coimbra por seu pai, não recebeu de Marcela o sentimento que imaginava ser recíproco. Pelo contrário, foi tratado friamente e com ares de desdém.

O defunto autor tece a narrativa de forma evolutiva, apresentando o leitor a índole de seus personagens e usando da metalinguística para afirmar tais preposições:

**Não é preciso dizer** que refutei tão perniciosa doutrina, com os mais elementares argumentos; mas ele estava tão vexado do meu reparo que resistiu até o fim, mostrando certo calor fictício, talvez para atordoar a consciência. (grifo nosso - ASSIS, 1995, p. 146).

A frieza com que o narrador relata as intenções de cada personagem que lhe é possível avaliar, suas próprias atitudes e a recepção do outro, remete-nos ao realismo literário permitido pela posição com que a narrativa é descrita. Seu posicionamento pessimista em relação ao ser humano se assemelha à crueza com que o Qohélet trata do homem ao longo de seu livro. O tom utilizado é considerado tão ácido que os trechos considerados apócrifos dentro do Eclesiastes são justamente os que amenizariam o caráter antropocêntrico do livro.

Como exemplo, há o epílogo do capítulo XII que expõe em um dado momento: "Teme a Deus e observa seus mandamentos, porque aí está o homem todo"; e a segunda parte do versículo 18 do capítulo IX que apresenta que "mais vale sabedoria do que armas, **mas um só pecador anula muita coisa boa**". Esta constatação não deve ser motivo para a descrença nas palavras do Sábio, mas um indício do cerne voltado à reflexão do homem consigo mesmo para haver reflexo na sociedade e na construção de um relacionamento mais sincero com o princípio cristão de buscar e temer a Deus por amor e por essência, não com finalidades que possam denegrir o caráter do indivíduo.

'Este livro é construído por suas obsessões. Exemplos, provérbios, tudo é ritmado pelo movimento de ressaca, pela repetição dos termos, cuja visada não é o pessimismo, mas a lucidez, não o abstrato, mas o concreto'. Também N. Frye tem do Sábio uma compreensão diferente [...]: 'Ele não é um pessimista fatigado e desgostoso da vida, mas um realista vigoroso, bem determinado a abrir seu caminho arrombando todas as portas aferrolhadas da repressão em seu espírito'. (CAMPOS, 2004, p. 23)

Por conta do realismo com que *Eclesiastes* se caracteriza, traz à superfície certo tom erroneamente qualificado como pessimista ou cético. Sua perspectiva abrange as duas faces da vida cristã, pois assim como qualquer ser exposto a um meio social, é obrigado a lidar com prazeres que põem em voga seus valores e prioridades. Ao abordar com perspicácia a frivolidade de se viver para trabalhar assiduamente, enriquece, por fim, tudo que é feito sob o céu e leva-nos a nada, autor de *Eclesiastes* enfatiza o quão desnecessário o esforço do homem, categoriza a obra como a “ponta de ironia com que os sábios por vezes se referem espontaneamente a suas especialidades” (CAMPOS, 2004, p. 114) <sup>17</sup>.

Tal ímpeto quanto a demonstrar como a vida se torna vã quando se vive sem viver, diagnostica a leitores mais desatentos certa ausência de doutrina religiosa que se busca na Santa Escritura. É com tamanha crueza nas palavras que Qohélet instiga ao leitor o verdadeiro norte da vida. José de Alencar indagou em *Díva* “Para que serviria a vida se ela não fosse vivida?”. E qual seriam os objetivos da vida vivida com sabedoria e fugindo à vaidade? Qohélet afirma que ao fim dos tempos o homem voltará ao seu eterno-sempre e de lá Elohim (Deus) julgará seus bons e maus intentos 12:5. Quanto ao pós-morte, não se entrará em detalhes neste capítulo; no próximo serão dedicadas algumas linhas ao que creio ser o eterno e a salvação.

Retornando às intenções, temos em Virgília a personagem de mais destaque na obra. Tantas descrições de comportamentos e a intimidade evidente de Brás Cubas e ela nos permitem trabalhar com uma gama de fatos a analisar. Nesse momento, porém, atentar-se-á ao período maduro do

---

<sup>17</sup> Citação de JEAN BOTTERO, “L’Ecclésiaste et le problème du Mal” in *Naissance de Dieu (La Bible et le Historien)*. Paris, Gallimard, 1986.

relacionamento de ambos e nas idas e vindas provenientes do falatório da cidade. Desde seu surgimento e após seu primeiro desaparecimento da vida de Brás, Virgília deixa explícito suas intenções quanto ao matrimônio: *status*. Ao retornar de Minas Gerais ao Rio de Janeiro após casar-se, o sentimento que surge entre eles representa o mote do que os une: agora que todas as leis sociais os impediam é que se amavam de veras (ASSIS, 1995, p. 104).

Não se afirma que o romance era pura e simplesmente incentivado pelo furor das máscaras. Era o fato de Virgília contrapor a aparência que possuía quando aliada a Lobo Neves e, caso tivesse acontecido, com Brás Cubas. A ele, Virgília seria um belo erro – "e é tão fácil confessar um belo erro!" (ASSIS, 1995, p.139). A ela, a ruína de toda estrutura social que havia construído ao casar-se com Lobo Neves. São escassos os momentos que o defunto autor assume categoricamente que o que os unia era o amor. No entanto, deixa mais evidente as razões de Virgília de estar casada. Trata tanto como característica inerente a Virgília como forma de se convencer e amenizar sua derrota pelo político.

A frieza da ganância supera os alardes provenientes do caso com Brás; Lobo Neves recebera uma carta anônima que denunciava o romance dos dois. A epístola foi recebida num momento em que Brás estava na sala com Lobo Neves. Sua reação foi como se quisesse arremessá-la em algum lugar. Dias depois, Virgília o contou o conteúdo da carta. Ao ser interpelada por Lobo Neves, negou com veemência e indignação mostrando-se humilhada por conta disso. Sua reação áspera despertou em Brás Cubas um tanto de incômodo pela reação frívola da amada. O receio de que o fim do romance não trouxesse o mínimo de dor e saudade que se esperava. Para ela, manter os tratos sociais alinhados eram, de fato, prioridade.

A época virgiliana da vida de Brás foi, para ele, "a melhor parte, ao menos, uma parte cheia de prazeres, de agitações, de sustos, – capeada de dissimulação e duplicidade, - mas enfim, a melhor" (ASSIS, 1995, p. 195). Detalhando sua história com Virgília, Brás mantém, inclusive, sua morte em segundo plano, esquece-se de seu presente. Mas não deixa de apresentar no

início que Virgília era fria e interesseira. Tal como sua decepção ainda latente ao expor indignação perante as lágrimas da amante quando seu marido falece:

Não se podia sacudir dos olhos a cerimônia do enterro, nem dos ouvidos os soluços de Virgília. Os soluços, principalmente, tinham o som vago e misterioso de um problema. Virgília traíra o marido com sinceridade, e agora, chorava-o com sinceridade. [...]; em casa, porém, apeando-me do carro, suspeitei que a combinação era possível, e até fácil. Meiga Natural!

Cubas delineia seus devaneios de forma que o leitor se confunda e se esclareça junto a ele. As lágrimas de Virgília o eram de certa forma ofensivas e lhe causavam desalento como se houvesse contrição por parte dela em relação ao romance vivido com ele ou, pior ainda, tivesse sido apagado de sua memória, substituído pela lealdade ao marido. Brás tece a solução dessa problemática quando esclarece que provém da natureza a dor lavar e purificar a moral, independente da origem e do motivo (ao se referir à moeda de Vespasiano) <sup>18</sup>.

O episódio do almocreve é de grande valia para a construção do caráter de Cubas ao leitor. Seu jumento havia empacado, então, Cubas distribui “corcovos” a ele sendo que ao aplicar mais força no terceiro açoite o animal empinou de forma que derrubou o jovem da sela. O pé esquerdo de Brás ficou preso à sela e à medida que tentava se segurar para levantar-se, o animal dava pinotes; então, um almocreve<sup>19</sup> se aproximou e conseguiu deter o animal pela rédea. Por se sentir grato por, talvez, escapar da morte, Brás pensa em lhe dar três moedas de ouro. Depois de muito pensar, examinar a roupa do sujeito, avaliar que se contentaria com pouco, dá ao almocreve uma moeda de prata com certa desconfiança de que seria suficiente. Ao se distanciar um pouco e olhar para trás, vê que a recompensa havia sido motivo de muito entusiasmo. A satisfação de Cubas é fruto muito mais de sua vaidade em ser o concedente de um prêmio do que pela gentileza em recompensar com justo valor o favor que havia recebido. Graças à descrição desse fato, analisa-se a

---

<sup>18</sup> Vespasiano foi um imperador romano que criou impostos sobre o uso de menores coisas, como latrinas, para restabelecer as finanças do império. Ao ser questionado pela natureza dos impostos, teria retornado que não importava a origem dos recursos, “dinheiro não tem cheiro”.

<sup>19</sup> Pessoa que conduz bestas de carga.

pureza da gratidão sendo substituída, mais uma vez, pela valorização – material e interna do homem. Para justificar tal atitude, Brás procura nos convencer de que a sua intenção foi facilmente perdoada pela migalha que trouxe regozijo ao sujeito menos favorecido socialmente que o ajudou de forma essencial.

Trata-se da ênfase perspicaz dada à necessidade de equilíbrio entre o ser e o querer. O homem e seu próximo. Se não houvesse o equilíbrio das intenções, “se os narizes se contemplassem exclusivamente uns aos outros, o gênero humano não chegaria a durar dois séculos: extinguia-se com as primeiras tribos” (ASSIS, 1995, P. 94).

A conclusão da ideologia desenrolada por Brás Cubas sobre a ponta do nariz assemelha-se ao desfecho de nosso capítulo tópico sobre as intenções. Segundo Cubas, são duas as forças que regem o mundo: o amor, que multiplica a espécie e o nariz. Sua conclusão quanto ao amor se torna superficial dada a única finalidade a que lhe dirige. Já quanto ao fim de todas as coisas, se dá pela individualidade e egoísmo do homem em pensar em si e em nada mais. Contemplar seu próprio nariz é olhar entre seu nariz e seu umbigo, seu poder e suas riquezas e esquecer-se da pureza de atentar-se ao próximo.

A avareza de Brás Cubas não se justifica simplesmente pelo anseio de querer possuir mais do que lhe cabe, dado a riqueza, nunca lhe faltaram posses, riquezas ou algo do gênero. Manter e acumular riquezas é um mal que cega quem anseia por isso e impede que o homem já abastado descanse de possuí-las ou se sinta em paz com o que já possui. Eclesiastes argumenta sobre isso quando afirma no versículo nove do capítulo 5 que “quem ama o dinheiro, nunca está farto de dinheiro”. Sua crítica pode, como ratifica o rodapé da Bíblia de Jerusalém referente a este versículo, referir-se inicialmente ao homem, mas de forma mais dogmática ao apego material, que, de forma superficial, satisfaz o homem, mas o mantém prisioneiro deste recurso. Ainda sobre tal versículo bíblico que se assemelha ao fragmente sobre o almocreve, Haroldo de Campos assevera ser uma “crítica à dinheiolatria e à avareza



infecunda, bem como às consequências da ganância desmedida, através de um exemplário extraído da sabedoria prática" (2004, p.143).

Brás e Salomão conhecem a si mesmos, conhecem o mundo a seu redor e o contexto social que os influencia, assim, não têm medo de se expor, colocando-se como passíveis de repulsa de quem os lê, focando à análise do homem por si, não deles individualmente.

Ambos padeciam dos mesmos males: o medo da eternidade anônima e sofriam por não conseguir desvendar seus próprios mistérios. Brás aceitou o desafio da Esfinge: a ideia fixa que lhe pedia "decifra-me ou devoro-te" e dedicou-se ao Emplasto até onde pôde. O Qohélet se sujeitou a tudo que a vida podia oferecer para que construísse um conhecimento baseado na verdade das experiências para deixar ao seu povo. A vida tornou-se mais eternidade do que presente. De toda sorte, foram suas inquietações que permitiram que se chegasse às assertivas que temos acesso e que nos auxiliam à compreensão do homem e da cultura prevalecente que rege o comportamento e os valores do corpo social.

### **3 Sobre o ser.**

#### **3.1. O realismo se confunde com o ceticismo**

O poder de coerção das obras estudadas permite que o leitor se reconheça nos narradores ao ponto de instigar a reflexão sobre seu poder de mudança perante os problemas apresentados:

Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo (ASSIS, 1995, p. 62).

Cubas esclarece nesse fragmento o mote de suas inflexões quanto ao poder de influência da sociedade nas atitudes, escolhas, capaz de modificar o homem arditamente.

Podemos, no entanto, caracterizar duas disparidades essenciais entre os escritos: ao buscar *Eclesiastes*, o leitor, partindo da perspectiva dogmática da origem do livro, busca em seu conteúdo e leitura regras de convívio social baseadas na verdade que crê. Com a obra de Machado de Assis não se pode dizer o mesmo. A leitura era como a fuga da realidade, objetivando momentos de lazer e descanso à mente. O que se vê é a possibilidade de apreender entrelinhas sobre a podridão implantada na burguesia que reverbera em todos que o cercam. Uma análise perspicaz permite a um leitor dedicado um diagnóstico duro – levando em conta a hipocrisia com que Cubas descreve sem remorsos suas atitudes egoístas e vazias.

Quanto ao sutil poder de indução das obras, Gyorgy Lukács afirma que o trabalho, devido seus fins e meios, representa a própria realidade, resultando no reflexo que se pressupõe que o sujeito – no caso o autor, está inserido em um contexto e se distanciou para que pudesse analisar e decodificar a realidade através de seu objeto estético: “Se o sujeito, separado na consciência do mundo objetivo, não fosse capaz de observar e de reproduzir no seu ser-

em-si este último, jamais poderia se realizar a posição do fim”. Essa análise permite que o romance de Machado de Assis se enquadre no formato de romance transformador, pois é capaz de deixar a moral interna da obra guiar quem o lê, assim como o Eclesiastes. Ao conduzirem seus leitores por meio das circunstâncias apresentadas, os levam ao cerne do teor abordado, fazendo-os produzir suas próprias conjecturas.

*Memórias Póstumas de Brás Cubas* traz em si a "personalidade da identidade humana e social e a própria sociedade deixa de ser na ficção objeto de validade local para se tornarem universais". (CANDIDO, 2009<sup>20</sup>). Sobre a universalidade da cultura ocidental, o Qohélet abrange esse ponto de vista e qualifica toda a cultura comportamental mundial que rege o ser humano desde a questão do vício no trabalho, em acumular riquezas, enganar a si mesmo quanto à suficiência do dinheiro e de *status* como armas que o levam à plenitude da felicidade até a solução que encontrou para que a vida não fosse no automático enquanto seu fim não chegasse.

Brás cubas teceu toda sua vida a sanar sua ânsia de *status*, em busca da solidez hierárquica social e abre mão de experiências valiosas por uma fraqueza causada pela insegurança, que não é menos do que a vaidade ferida. O processo de esmagamento do eu na sociedade dita transforma o homem no produto do meio, modelado pelos valores frívolos regidos pelo julgo de externo ao interno, processo inverso do que realmente somos. É impossível que alguém se livre das amarras do padrão social a menos que esteja morto – caso da liberdade concedida a Brás Cubas autor defunto; de todo modo, não se deve generalizar ao alegar que o homem é de todo imoral e corrompido pela vaidade de ser.

Há um capítulo curto, o que escapou a Aristóteles, que retrata, com a sutil percepção do autor, análise do meio coletivo e seus reflexos em indivíduos

---

<sup>20</sup> Trecho extraído de um trabalho de pesquisa elaborada por Luís Augusto Fischer (UFRGS), Homero Araújo (UFRGS), Ian Alexander (PUCRS), Marcelo Frizzon (UFRGS) e Tatiana Tavares (UFRGS), que, devido ao cinquentenário do lançamento da Formação da Literatura Brasileira, interpelaram Antonio Candido quanto a alguns tópicos sobre o livro. A entrevista foi publicada no Caderno Cultura, do jornal Zero Hora, em Porto Alegre, dia 24 de outubro de 2009.

conectados pelo fio das relações sociais. Como conteúdo, aborda a astúcia do destino em impulsionar por meio dos aborrecimentos causados pelo sujeito o que reflete em outro relacionamento. Caso Brás Cubas tivesse escrito tal capítulo levando em conta episódios posteriores, poderia abordar, outrossim, o quanto sua teoria da "solidariedade do aborrecimento humano" (ASSIS, 1995, p. 86) influenciou a escolha de Virgília por casar-se com outro, posteriormente o caso que tiveram, a vida de Lobo Neves – inclusive sua falta de atitude ao descobrir sobre o romance de ambos, a estagnação de Cubas quanto à carreira política, o jornal, o Emplasto e, por fim, sua morte em detrimento da fixação pela "amor à glória temporal" (ASSIS, 1995, p.15).

O último capítulo foi escrito como um acerto de contas com a vida. Das *Negativas* apresenta, em primeira instância, o Emplasto que morreu com ele – e o lamento da ideia falida que lhe saciaria a tão latente sede de nomeada, o fracasso em não ter sido ministro, califa e nem ter conhecido o casamento. Desde o princípio o narrador havia nos alertado quanto à maneira da escrita de sua obra: com “a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (ASSIS, 1995, p. 15). Com isso somos levados a crer num tom de desesperança, porém, realista de Machado de Assis, assim como no *Eclesiastes* Por conta de sua narrativa fiel à caracterização da índole dos envolvidos na ação, não pelo puro emprego de suas opiniões, mas por meio de sua onisciência, o autor é qualificado a vários leitores como cético e pessimista.

Afrânio Coutinho é um dos teóricos que afirma que a obra de Machado é regada pelo pessimismo, impresso literariamente pelo narrador: “Machado tinha uma visão do mundo ensombreada pelo pessimismo. Só enxergava o lado mau da natureza humana. É nisso que consiste verdadeiramente o seu pessimismo.” (COUTINHO, 1959, p.26).

Há discordâncias quanto a esse cunho interpretativo. A vasta produção machadiana oferece muito mais indícios de uma descrição conformada da realidade. Alfredo Bosi vê a produção de Machado de Assis como relativista, e este trabalho consente com sua perspectiva. Diz ele:

Menos que o “pessimismo” sistemático, melhor seria ver como suma da filosofia machadiana um sentido agudo do relativo: nada valendo como absoluto, nada merece o empenho do ódio ou do amor. Para a antimetáfísica do ceticismo, a moral da indiferença. (BOSI, 2006, p.182)

Seu ponto de vista não era cético, Brás Cubas ainda notava em cada personagem que o cercou características dignas de apreço. Do primo de Virgília com seus belos versos, passando pela ingenuidade de Eusébia – mãe da menina coxa, ao último instante de moral de Virgília para com Lobo Neves. O ceticismo desnuda o homem de qualquer ímpeto de esperança no outro e reconhecimento de boas atitudes, tornando-se visíveis apenas atitudes podres. A perspectiva de Brás Cubas causa tal impacto inicial porque nossa literatura não estava lapidada para receber críticas tão severas com a agilidade de utilizar-se do foco narrativo para acusar sem acusar. A experiência traz ao ponto de vista uma análise realista e ardilosa como no caso do *Eclesiastes*.

Ser cético no caso do Pensador é crer em nada mais, nada menos, do que na esperança de uma vida posterior à desse mundo que seja mais livre da obrigação de que o ser seja resultado da máxima reconstruída por Marcelino Freire: “A propaganda é a alma do ego” (2002, s/p). Os narradores de *Memórias Póstumas* e *Eclesiastes* caracterizam a índole dos envolvidos em cada obra não pelo puro emprego de suas opiniões, mas por meio de sua onisciência. É o que Northrope Frye alega em sua obra *The Great Code, The Bible and Literature* ao analisar *Eclesiastes*, cujo fragmento a seguir fora traduzido por Haroldo de Campos:

Ele não é um pessimista fatigado e desgostoso da vida, mas um realista vigoroso, bem determinado a abrir seu caminho arrombando todas as portas aferrolhadas da repressão em seu espírito (CAMPOS, 20014, p. 23).

Se a descrição possui um tom depreciativo, é somente porque os personagens agem guiados por valores que a sociedade considera deturpados. O meio descrito só é caracterizado como vil porque ele assim o é. Não cabe ao foco narrativo machadiano e *Eclesiástico* enxergá-lo com olhos derrotistas, e sim realistas.

O homem, hoje, é governado pela concupiscência do que o externo lhe impõe à alma. Não por isso se afirma que ele é de todo ruim. E não por isso as escritas de Eclesiastes e Machado de Assis se tornam céticas. Numa crônica de *A Semana*, Machado de Assis se desmitifica por suas próprias palavras:

"Não achareis linha cética nestas minhas conversações dominicais. Se destes com alguma coisa que se possa dizer pessimista, adverti que nada há mais oposto ao ceticismo. Achar que uma coisa é ruim, não é duvidar dela, mas afirmá-la" (ASSIS apud Serpa, 2003, p. 63).

Enquanto foca na imagem e na construção exterior de si para ser qualificado como alguém maior em detrimento do olhar do outro, o homem se esquece da essência e atropela outros que o possam impedir de alcançar seus objetivos, atêm-se apenas a alimentar a vaidade e o ego. A fixação de uma imagem bem avaliada absorve o homem do que ele é. É como se a teoria da evolução proposta por Charles Darwin valesse para as relações sociais cotidianas. Uma paródia da lei do mais forte. Darwin nunca disse que quem sobreviveria seria o mais forte, mas sim o mais apto. Aptos socialmente, com bom status, bons costumes (os determinados à classe dominante, obviamente), grandes posses – tal conceito acaba, por fim, a aprisionar o homem.

É notória uma conotação mais ampla, que transcende a sátira e vê o homem como um ser devorador em cuja dinâmica a sobrevivência do mais forte é um episódio e um caso particular. Essa devoração geral e surda tende a transformar o homem em instrumento do homem. (CANDIDO, 1995, p.34)

É dessa forma que O-que-sabe retrata na literatura canônica o que Machado de Assis transformou em objeto estético com as *Memórias Póstumas*. Confessa de forma literária a miséria humana dando brechas para divagações e constatações sobre a real personalidade do homem e sua corrupção pelo superficial. Não é pessimismo enxergar sem máscaras o que acontece ao nosso redor. É a verdade descrita sem floreios, com intenção de acrescentar veracidade e valor ao que virá. Carlos Augusto Vailatti acrescenta em seu artigo teológico, amparado pela citação de José Luis Sicre, algo valioso para a percepção do Eclesiastes como a medida exata entre o antropocentrismo e o

teologismo, explanando sobre a visão realista e verdadeira de quem conhece o Deus que segue.

O Qohelet é alguém que gravita entre dois mundos, o mundo da fé e o mundo da desilusão existencial. Aliás, o filósofo e teólogo espanhol, José Luis Sicre, ao dispor sobre o conteúdo de Qohelet, retratou exatamente este tipo de sensação, ao dizer: "(...) quem sabe não haja neste livro uma profunda honestidade religiosa. Não a espiritualidade falsa e estereotipada de quem presume ver Deus em tudo, mas a do sábio modesto e desencantado que se contenta em continuar crendo em Deus, apesar de todas as desilusões da vida<sup>21</sup>". (SICRE apud Vailatti, 2011, p.45)

### 3.2 A salvação é ser essência

*O espírito, como um pássaro, não se lhe deu da corrente dos anos, arrepiou o voo na direção da fonte original e foi beber da água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida. (ASSIS, 1995, p.60)*

O motivo principal da reflexão ao abandonar os prejuízos que a corrupção do ser/ter/parecer é nada mais do que encontrar-se com o equilíbrio necessário entre a vaidade positiva e a que corrompe o mote da vida do homem. Eclesiastes nos apresenta o passo principal do que se considera nas religiões cristãs como a salvação. Tal conceito é uma definição precipitada da realidade que a vida em contato com o bem estar consigo e com o outro exprime – doutrina essencial do cristianismo

A certeza da salvação é vaidade. Afirmar estar certo de que a encontrou ou que se está salvo dos pecados é a necessidade que se tem de suprir a si mesmo, de fingir que não sofrerá danos por conta disto e que suas atitudes foram completamente remidas simplesmente por esconder-se nas máscaras da religião. Enquanto céu, por entendimento, for como um lugar físico e não um estado mental ou metafísico, tudo se resumirá em vaidade. Todas as boas atitudes do homem e o arrependimento das más serão influenciados pela

---

<sup>21</sup> SICRE, José Luis. **Introdução ao Antigo Testamento**. Petrópolis. Vozes, 1994, p. 279.

necessidade de uma recompensa final e não pelo relacionamento com o Deus que acredita.

O indivíduo diminui o poder da Graça quando busca a divindade apenas por egoísmo. Diminui a essência do indivíduo, pois a salvação não é nada mais do que estar em paz com a essência do homem que é ser bom para os outros e para si. Procurar Deus para conhecê-lo é buscá-lo no próximo, amenizar as dores do outro, viver em comunhão e respeito.

Para o Cristianismo, Jesus Cristo vivifica os mandamentos de Deus. Sua figura é retratação do que o novo testamento vem reafirmar. Os sacrifícios não são mais sacrificar animais, separar dias santos nem temer a um Deus capaz de matar. A boa nova figura sobre a necessidade de cuidar do próximo, ou seja, abandonar a vaidade e o egoísmo. O crítico literário inglês Terry Eagleton reafirma em seu livro o conceito da perspectiva real, simples e essencial cristã ao dizer que:

[Jesus] é apresentado sem lar, sem propriedades, peripatético, socialmente marginal, desligado e mesmo desdenhoso de parentesco e família, sem trabalho ou ocupação, amigo de excluídos e párias, avesso a posses materiais, sem qualquer temor por sua própria segurança, enfim, um espinho no flanco do sistema e um açoite para os ricos e poderosos. (EAGLETON, 2009, p. 26)

É possível basear a ideia de essência do ser humano em contrapartida à ideia de busca e expectativa da salvação também em Eagleton (2009, p. 29). Ele explica o maior conflito interno do cristão contemporâneo: lidar com o estilo de vida hodierno e com o exemplo de caráter cristão corroborado pela vinda de Jesus Cristo. Para o crítico, o anseio da salvação e a recompensa por uma vida vivida segundo os preceitos da escritura, contrapõem a essência buscada e torna o Reino dos Céus “uma questão surpreendentemente materialista”. O *Compelle Intrare*<sup>22</sup> – expressão bíblica usada duas vezes por Brás Cubas ao referir-se a situações em que é obrigado pela sociedade a algo, confronta

---

<sup>22</sup> Expressão latina que significa "obriga-os a entrar". Frase proveniente de uma parábola de Jesus Cristo (Lucas 14: 23), referindo-se à insistência de alguém que anseia forçar um outro a aceitar algo de desconhecido valor a ele.



substancialmente a leveza da busca da substância pura do homem pela verdade de buscá-la, não como uma moeda de troca.

Jesus personifica a essência natural do indivíduo exposta pelo Eclesiastes. Não é mensageiro enviado, é a própria mensagem. É em si a essência do que representa o homem fora de paradigmas. Brás Cubas o contrapõe sendo a personificação das fraquezas de uma sociedade de consumo e aparência.

No capítulo 87, Brás discute a questão que envolve a opressão que o homem sofre em sua índole. Jacó foi o homem mais probo que conhecera. Teve a chance de ficar rico caso aceitasse desviar-se um pouco de seus escrúpulos e não o fez; caráter tão honrado que era cansativo. Houve um episódio, no entanto, que um certo senhor havia chegado, ao que ele argui que não estava. Enquanto isto o homem já adentrava ao corredor e respondeu-o que não adiantava tal desculpa, pois já se encontrava dentro da casa. Jacó, então, desculpou-se e forjou alegria ao vê-lo, afirmando se enganar e achar que era outro quem o procurava. Após horas de conversa enfadonha, Jacó mentiu ia sair e com sua esposa. Encontrando-se a sós, Cubas observa com ele que mentira quatro vezes; Jacó reconheceu-o, desculpou-se e afirmou que "a veracidade absoluta era incompatível com um estado social adiantado, e que a paz das cidades só se podia observar à custa de embaçadelas recíprocas". (ASSIS, 1995, p. 146).

Este trabalho difere desse ponto de vista, pois crê que tais situações sejam apenas vestígios de costumes falsos a que o homem fora submetido desde muito antes. O resgate da verdade como essencial traria o homem ao que é inerente a si, não causaria estranhamento nem mágoas. Matias Aires delega à providência divina o poder único de arrancar a "miserável condição do homem" (1993, p.140).

Interessante destacar também que, a princípio, quando o apresentou como o homem mais correto que conhecera, não se lembrava do sobrenome dele. Só recordou-se ao delatar a ocasião em que Jacó se desviou de seu caráter íntegro, afirmando entrelinhas o quanto o olhar do outro que faz o homem.

Quanto à perspectiva sobre a acepção da vida e sociedade temos disparidades perceptíveis às obras. O conflito existencial que O-que-sabe apresenta em sua narrativa e no entendimento cru do narrador ao retratar a realidade dos personagens é passível de análise os riscos que corremos ao viver sem foco primordial. Sem o saber, corremos o risco de nos tornar puramente céticos ou hedonistas, acreditando que a felicidade é o mais digno propósito da existência. Não é possível apresentar soluções para isso, dado que o equilíbrio entre os dois conceitos permite a excelência em se permitir conhecer o viver como maior dádiva recebida e devolver essa gratidão com positivismo ao próximo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bíblia, independente de religiosidade, é uma obra que relata o comportamento do indivíduo, discute relações pessoais, públicas e questões que o ser humano lida desde o princípio da humanidade. *Eclesiastes*, apesar de sua essência divergente do restante da Bíblia, não deve ser compreendido aquém do que o antecede e o segue. O que deve ser extraído, no entanto, é sua atemporalidade moral e discussão sobre valores e costumes ainda vigentes no homem.

Toda reflexão sobre o ser é útil desde que se mude verdadeiramente. Com tal finalidade, as obras realistas confrontam o leitor. Em suas construções da segunda fase literária, Machado conduz o público a participar de suas obras como ser pensante. Não entrega a ele uma realidade que deve ser aceita, não impõe dogmas. Aliar essa reflexão exigida ao ler *Memórias Póstumas* com a leitura de *Eclesiastes* pode resultar numa evolução de perspectiva de vida verdadeiramente satisfatória.

Antonio Candido nota que a obra de Machado de Assis problematiza a identidade do homem. O que o consome reside não só no questionamento da própria existência, mas também nas relações que as personagens estabelecem umas com as outras. Em *Esquema de Machado de Assis*, Candido escreve:

Quem sou eu? O que sou eu? Em que medida eu só existo por meio dos outros? Eu sou mais autêntico quando penso ou quando existo? Haverá mais de um ser em mim? Eis algumas perguntas que parecem formar o substrato de muitos dos seus [Machado de Assis] contos e romances. (CANDIDO, 1995, p.27)

Segundo tantas questões absorvidas do romance que gira em torno de Brás Cubas aliada à exposta por *Eclesiastes*, este trabalho objetiva que se possa refletir na preciosidade da vida em detrimento do viver fora do egoísmo sutil e discreto que domina ações e pensamentos, como a obtenção de bens materiais sendo o foco principal do sujeito. No entanto, deixa-se desapercibido que o tempo presente é o nosso maior presente.

"As alegrias da vida social eram as da vaidade" <sup>23</sup>, é o que diz Tolstói em *A Morte de Ivan Ilitch*, então substitui-se, a falsa alegria da aceitação social para que o sentido da vida não seja definido por tais pontos para que não se torne cético ou hedonista.

É na exposição do homem como prisioneiro dos costumes impostos pela sociedade e pelo individualismo em superar o outro que o *Eclesiastes* se aproxima de forma de uma obra realista. *Memórias Póstumas* abrange com a liberdade de um morto a miséria humana que já havia sido explanada pelo autor de *Eclesiastes* como um dos principais inimigos que o sujeito enfrenta para retornar à essência de si mesmo. Este estudo será não mais que algo que alimente o ego de quem o lê se não causar desconforto e fizer repensar nossas próprias vaidades, dado que através do desconforto que se faz a evolução individual.

---

<sup>23</sup> TOLSTÓI, Leon. *A morte de Ivan Ilitch e senhores e servos*; tradução Marques Rabelo. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p.36.

## Referências Bibliográficas

**Bíblia Sagrada.** Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 1664p.

**Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus Editora, 2002.

**Bíblia de Referência Thompson com versículos em cadeia temática.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1996.

AIRES, Matias. **Reflexões sobre a vaidade dos homens.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente,** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

AUERBACH, Erich. **MIMESIS. A representação da realidade na literatura ocidental.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

BORGES, Anderson. **Memória e Ceticismo em Machado de Assis.** *Revista Linguagem*, São Paulo, Ed. 7, abr. 2009. <[www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao07/ArtigoIc\\_Anderson.php](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao07/ArtigoIc_Anderson.php)> Acesso em: 21 set. 2013.

BOSI, Alfredo. **Brás Cubas em três versões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada.** São Paulo: Ática, 1992. Série Princípios.

COSTA, Flávio Moreira da.(Org.). **Os 100 melhores contos de humor da literatura universal.** Rio de Janeiro: Ediouro - 2001, pág. 368

CAMPOS, Haroldo de Campos. **Qohélet = O-que-sabe: Eclesiastes: poema sapiencial** / Haroldo de Campos, com uma colaboração especial de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Esquema Machado de Assis** in: *Vários Escritos*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COUTINHO, Afrânio. **Obras - Raul Pompéia: organização e notas de Afrânio Coutinho e assistência técnica de Eduardo de Faria Coutinho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Oficina Literária Afrânio Coutinho. FENAME, 1983, p. 21-22.<sup>1</sup> *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro: 1880, nº. 202.

EAGLETON, Terry. Jesus Cristo – Os Evangelhos. Trad.: José Maurício Gradel. São Paulo: Jorge Zahar, 2009.

FREIRE, Marcelino. Era o dito. 2ª. Ed. Rev e Amp. São Paulo, Ateliê, 2002

JENNY, Laurent. **A estratégia da forma**. In: *Intertextualidades*. Tradução da revista *Poétique*, número 27. Lisboa: Almedina, 1979, p.19-45.

KIVITZ, Ed René. **O livro mais mal-humorado da Bíblia: A acidez da vida e a sabedoria do Eclesiastes**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

KUSHNER, Haroldo. **Quando tudo não é o bastante**. São Paulo: Nobel, 1999, p. 22.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAIA NETO, José Raimundo. **Machado de Assis: ceticismo e literatura**. In: Krause, Gustavo Bernardo (org.) *Literatura e ceticismo*. São Paulo: Annablume, 2005. P. 11-24.

MAURIAC, François. **O romancista e suas personagens**. Conferência proferida em 1932, publicada em 1933 e recolhida in *Oeuvres romanesques et théâtrales complètes*, vol II (Paris: Gallimard/Pléiade, 1979)

MORIN, Edgar. O homem e a morte. Trad. de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SCOTT, R. B. Y. [Ed.]. **Proverbs, Ecclesiastes**. Vol. 18. [The Anchor Bible]. New York: Doubleday, 1965.

SICRE, José Luis. **Introdução ao Antigo Testamento**. Petrópolis. Vozes, 1994, p. 279.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues. **Morte e decomposição biográfica em Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Tese de Doutorado. Instituto de Letras, UFF. Niterói, 2008.

VAILATTI, Carlos Augusto. **Qohélet 3.1-15 e a Tensão entre o Determinismo e o Livre-Arbítrio**. Artigo Teológico. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Orientais) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2011.